

Página em branco

Página em branco

Página igual a capa

1ª Edição
Do 1º ao 3º milheiro

Capa de José Luiz Cechelero
Revisão: Hugo Pinto Homem

Copyright ©1998 by
Fundação Lar Harmonia
Rua da Fazenda, nº 13, Piatã
41.650-020
livros@larharmonia.org.br
(71) 286-7796

Impresso no Brasil
Presita en Brazilo

ISBN: 85-86492-04-3

Todo o produto desta obra é destinado à manutenção das
obras da Fundação Lar Harmonia

Adenáuer Marcos Ferraz de Novaes

Conhecendo o Espiritismo



FUNDAÇÃO LAR HARMONIA
C.G.C. (MF) 00.405.171/0001-09
Rua da Fazenda, nº 13, Piatã
41.650-020- Salvador - Bahia - Brasil
1998

CIP - Brasil. Catalogação na Publicação
Câmara Brasileira do Livro, SP.

Novaes, Adenáuer Marcos Ferraz de
Conhecendo o Espiritismo
Salvador: Fundação Lar Harmonia, 1998
166p.

1. Espiritismo. I. Novaes, Adenáuer Marcos Ferraz de,
1955. - II. Título.

CDU -
CDD – 139.9

Índice para catálogo sistemático:

1. Espiritismo 139.9

“O Espiritismo anda no ar.” Allan Kardec

A

*Allan Kardec, mestre nas artes do espírito,
antropólogo da alma e amante da verdade.*

Às crianças da Fundação Lar Harmonia, motivo deste trabalho.

Página em branco

Índice

Conhecendo o Espiritismo	11
O que é o Espiritismo	17
Deus	25
Espíritos	31
Evolução	39
Libertação do Espírito	45
Reencarnação e ciência	51
Reencarnação como processo educativo	59
Reencarnação: planejamento e processamento	65
Vida espiritual	71
Mediunidade	77
Médiuns	85
Obsessão	91
Desobsessão	97
As leis de Deus	103
Trabalho e Progresso	109
Liberdade e Igualdade na Sociedade	115
Natureza, conservação e destruição – Ecologia	121
Família	127
Energia sexual	133

Uma sociedade espírita e uma instituição espírita	139
Bibliografia	145

Conhecendo o Espiritismo

Este trabalho contém aspectos introdutórios ao conhecimento do Espiritismo e é dirigido àqueles que desejam iniciar-se em seu estudo e na sua prática pessoal de viver. Diferente de obras clássicas, pela linguagem simples e direta, sem pretensões maiores, salvo a de levar o leitor à compreensão dos princípios básicos do saber espírita, propõe-se também a permitir uma visão funcional e utilitária de seus princípios.

A busca de um conhecimento mais abrangente, deve levar o leitor ao estudo das obras de Allan Kardec, principalmente *O Livro dos Espíritos*, cuja leitura tornar-se-á imprescindível para o real conhecimento do Espiritismo. Relacionamos ao final uma bibliografia para cada um dos capítulos a fim de possibilitar ao leitor a complementação do estudo do Espiritismo.

Por muito tempo preocuparam-se os pioneiros do Espiritismo em provar suas teses com argumentos irretorquíveis, lógicos e coerentes, colocando-o, com sucesso, no rol das ciências da alma. Hoje, com sua compreensão popular, alcançando elevada aceitação, exige-se um novo passo na direção de alicerçar-se a prática e a

vivência daqueles postulados teóricos, sem que se abandone a demonstração dos princípios básicos. Com isso quero dizer que os princípios espíritas devem levar seu praticante a resultados práticos imediatos. Ser espírita deve levar o indivíduo a um estado de compreensão da vida que o torne relativamente feliz consigo mesmo e com seu semelhante.

O desenvolvimento da psicologia, os novos entendimentos sobre o comportamento humano e as incursões científicas no aspecto espiritual da vida requerem estudos mais profundos sobre as interações entre os campos espiritual e social. Coerente com o conhecimento espírita, que amplia a visão estreita do corpo físico e seu meio ambiente, estimulada por muitos séculos de obscurantismo, faz-se necessária uma nova postura diante dessa percepção cosmológica da vida. O Espiritismo possibilita um novo olhar do homem e da realidade à sua volta. Não se deve pensar que o estabelecimento de seus limites se dá com a aceitação de seus princípios. Enquanto se divulgam as suas verdades, investe-se em suas implicações práticas.

Estamos longe de alcançar a verdade sobre as coisas e penetrar-lhes a essência divina, isso não quer dizer que já estamos no limite do saber. Não podemos limitar-nos a repetir conceitos que, face à própria evolução, necessitam de detalhamento e desenvolvimento adequados. O Espiritismo é uma doutrina evolutiva, a qual se desenvolve com a própria humanidade. É um saber que se consolida na medida que surgem novas capacidades humanas, e estas têm-se ampliado pela força das coisas, isto é, pela própria evolução natural, e pelos eventos humanos. É chegado o momento de nos ocuparmos de detalhar aqueles princípios.

Os séculos de cristianismo foram importantes para alicerçar na humanidade conceitos de moral e princípios de

convivência social que creditaram valores fundamentais para que o homem entrasse em contato com o espiritual. A tarefa agora é preparar a constituição dos princípios de convivência que levem em consideração a natureza espiritual do homem e da própria sociedade. Princípios como a imortalidade da alma e a evolução espiritual, que antes eram entendidos como tendo alcance exclusivamente após a morte, passam a ter importância para o momento em que se vive. É-se imortal agora, e não apenas depois da morte. É um estado que deve ser conscientizado nos atos presentes, para o momento presente, e não apenas para o futuro. A existência de Deus, antes um corolário religioso, passa a significar, além de importante âncora psíquica para o permanente diálogo interno, a necessidade de compreensão de um objetivo maior de trabalho em favor da vida e do universo.

Enquanto as ciências humanas estudam a personalidade considerando-a na sua integridade encarnada, o Espiritismo a estuda na sua inteireza espiritual, que compreende aquela, fornecendo subsídios à vivência no corpo e à compreensão do sentido da existência.

Não é demais recapitular os primórdios do Espiritismo e como ele surgiu do ponto de vista doutrinário e histórico. Sua trajetória, enquanto saber, inscreve-se numa época de intensas descobertas e de percepções revolucionárias que marcaram as ciências e as gerações futuras. O momento histórico de seu surgimento tornou-o uma ciência de observação, uma filosofia de conseqüências práticas e, sobretudo, um paradigma cognitivo que modificou a visão do homem sobre si mesmo e sobre o mundo.

A fé, tão importante para a compreensão dos princípios divinos, premiada pela necessidade da razão, recebe agora o contributo do sentimento. No Espiritismo, a fé, além de ser raciocinada deve ser sentida, introjetada nas raízes emocionais do ser humano. Vivemos sob o primado do espírito que se ergue em mais um pilar, o da emoção, que o eleva para além das exigências do racionalismo contemporâneo. A fé cega, da era medieval, deu lugar à fé raciocinada no período racionalista, que é sucedida pela fé vinculada às emoções superiores do espírito.

Distanciar o homem de suas raízes significa estagnação e acomodamento. O crescimento na direção da percepção do espírito é possível graças à integração de elementos transcendentais e vinculados ao amor e a uma prática de vida que torne o homem feliz. Os princípios básicos espíritas devem levar aos princípios gerais de felicidade, no que diz respeito ao aperfeiçoamento físico, intelectual, social e espiritual. Se eles se encontram distantes, sem uma ligação imediata (nem imediatista), é porque satisfazem apenas às exigências do intelecto.

Lembrando a trajetória do Cristo, na defesa intransigente de suas idéias, impondo-se pela sua própria natureza transcendente, afirmamos que o Espiritismo se impõe pela *força das coisas* e da evolução da humanidade. No desenvolvimento de suas fases, pode-se notar a existência de processos, sendo o primeiro o de consolidar seus princípios doutrinários, delinear seus pontos principais, estabelecer sua base teórica e buscar comprovação experimental. Essa fase, embora concluída por Allan Kardec nos seus poucos anos de profícuo trabalho em consolidar o Espiritismo, ainda necessita de constante atenção e continuidade. Outros processos, no entanto,

requerem a mesma atenção e determinação por parte dos espíritos e dos espíritas. Refiro-me em particular ao trabalho de verificação da eficácia na aplicação dos princípios espíritas na vida dos próprios espíritas.

Os objetivos do Espiritismo visam alcançar a transformação social, mas passam pelo estado de felicidade que deve ser conseguido naquele que vive segundo seus princípios. Se eles servem para o todo, necessariamente devem servir para a parte. O espírita deve ser alguém não só muito consciente e adaptado às adversidades da vida, inclusive superando-as, como também um modelo vivo da eficácia de sua crença. Dizer-se espírita não basta, necessário é tornar-se espírita, o que lhe exigirá a conscientização daqueles princípios e não apenas o conhecimento deles.

É preciso estar-se atento ao seu processo pessoal, isto é, ao que ocorre consigo próprio, enquanto se proponha o espírita a divulgar o Espiritismo, ou a praticá-lo de qualquer outra forma. Para evoluir não basta cumprir uma missão no campo da prática espírita. É preciso crescer como indivíduo nas dimensões: familiar, intelectual, emocional, sexual, filial, paternal ou maternal, profissional, afetiva, relacional, religiosa, política, etc. Por esses motivos optamos em publicar esse trabalho a fim de orientar o leitor quanto ao estudo da Doutrina Espírita.

Durante muitos anos realizamos um Curso Básico de Espiritismo, o qual se espalhou por várias instituições do Movimento Espírita da Bahia, em que utilizamos um programa de estudos sintetizado neste trabalho. Para chegar a essa síntese contei com a ajuda dos amigos Élzio, Hugo, Vasco, Sílsen, Ray e Ana Dórea, aos quais agradeço sinceramente pela ajuda providencial.

Página em branco

1. O que é o Espiritismo

O Espiritismo é uma doutrina que trata da origem e natureza dos Espíritos e de suas relações com o mundo material. Seu foco básico é a natureza espiritual do homem. É um conhecimento a respeito do espírito, que parte da essência espiritual para explicar a existência material. O Espiritismo foi sistematizado a partir de 18 de abril de 1857, com a publicação de *O Livro dos Espíritos*, numa época de grandes transformações sociais, filosóficas e políticas. Desenvolveu-se em paralelo ao surgimento das ciências, e em meio aos novos estudos da mente, que despontavam à época, em decorrência do desenvolvimento do magnetismo, do hipnotismo e do próprio Espiritismo que se estudava antes da publicação do livro.

O século XIX foi pródigo em grandes descobertas e no surgimento de novas idéias para a humanidade nos mais diversos campos da ciência, da filosofia, da moral e das artes. Trouxe ao homem conhecimentos significativos acerca de sua origem, de sua constituição e do funcionamento de seu corpo. Muitas das realizações do século XX se deveram ao surgimento de idéias e ao trabalho desenvolvido no século anterior.

À época do surgimento do Espiritismo, meados do século XIX, o mundo vivia sob a onda renovadora, embora ainda incipientes, do Positivismo, do Socialismo Científico

e do Marxista, das idéias revolucionárias do Evolucionismo

acontece com o lançamento do Manifesto Comunista, em 1848, em Bruxelas, por Marx e seu amigo Engels, trazia idéias materialistas que, de um lado, aproximavam-se das lutas pelas liberdades dos trabalhadores, do outro, distanciavam-se do conceito de religião dogmática, declarando-a “*ópio do povo*”. Procurando explicar a história universal como a história da luta de classes, permitia que se visualizasse uma origem da humanidade cada vez mais distanciada da estabelecida pela interpretação do Gênesis da Bíblia.

O Evolucionismo de Charles Darwin surgiu a partir de idéias que floresciam desde o século XVIII sobre a evolução, segundo as quais as espécies animais formam uma escala contínua e não teriam sido criadas ao mesmo tempo. Darwin notou que, entre as espécies extintas e as atuais, existiam traços comuns, embora bastante diferenciados. Tais observações levaram-no a supor que os seres vivos não eram imutáveis, mas, sim, oriundos de criações distintas, mas que descendiam uns dos outros, segundo uma complexidade crescente.

Essas idéias, embora ainda embrionárias, cada uma de forma específica, contribuíram para a formação de um alicerce teórico na implantação de uma doutrina fundamentada em fatos explicados à luz da razão. A fé cega e dogmática estava sendo ninada por aquelas teorias, dando lugar a uma explicação racional dos fenômenos tidos, até então, como sobrenaturais.

A humanidade, que vivera sob o obscurantismo medieval, que perdurara até o século XVIII, alcançou, no século XIX, sua maioridade. A religião dogmática cedia lugar ao conhecimento firmado na razão e nas ciências para o entendimento do espiritual sem limites estabelecidos.

À mesma época do lançamento do manifesto comunista e da efervescência das idéias positivistas e evolucionistas, os espíritos intensificaram suas manifestações. Na cidade de Hydesville, no Estado de New York, nos Estados Unidos, um espírito que se denominou Charles Rosma, consegue, através de batidas nas paredes, comunicar-se com duas garotas, as irmãs Fox, assombrando o mundo com a clareza de seu depoimento, dando provas da continuidade da vida após a morte. A essa altura os espíritos, que assim se denominaram, utilizando-se de mesas e outros objetos, manifestavam-se nos salões parisienses através de fenômenos conhecidos com o nome de Mesas Girantes.

Nessa época, as experiências com magnetização eram comuns e atraíam o interesse dos homens de ciência, principalmente em Paris. Dentre eles um professor, cuja experiência em educação foi adquirida com Pestalozzi. Esse professor era Hippolyte Léon Denizard Rivail, cognominado Allan Kardec, nascido a 3 de outubro de 1804, em Lion, França, filho de um juiz de direito, estudou em Yverdoon, na Suíça e seguiu, quando de seu retorno à França, a carreira do magistério, divulgando o método de Pestalozzi, seu educador, com quem colaborou. Fundou e dirigiu uma escola e dedicou-se à tradução de obras do alemão e do inglês. Escreveu seu primeiro livro, aos 19 anos, sobre aritmética e, mais tarde, outro sobre gramática francesa. Dedicou parte de seu tempo ao estudo e à prática do magnetismo. Casou-se aos 27 anos com a escritora e professora Amélie-Gabrielle Boudet, sua colaboradora na escola. Em fins de 1854, o Sr. Fortier, magnetizador com quem Rivail mantinha relações, falou-lhe a respeito das mesas que giravam e “falavam”. Em 1855 foi convidado a

assistir as reuniões onde ocorriam os fenômenos das mesas girantes. Em princípio, ao presenciar os fenômenos, duvidou de suas causas, mas os fatos observados, a partir de então, o fizeram perceber que algo sério estava por detrás daqueles fenômenos.

Após sistemáticas observações, e a partir de diferentes informações, vindas dos mais diversos grupos experimentais, fez estudos e levantou questões àqueles que se declararam espíritos, responsáveis pela produção dos fenômenos.

Publicou o resultado de suas pesquisas, em 18 de Abril de 1857, com o título “*O Livro dos Espíritos*”, sob o pseudônimo de Allan Kardec, com o intuito de não confundir a autoria. O professor Rivail, ao publicá-lo usando o pseudônimo, abdicou não só da autoria dos ensinamentos como também iniciava um novo ciclo de atividades.

Os livros escritos sob o pseudônimo de Allan Kardec foram resultantes de exaustivas pesquisas e experimentos diversos, visando a universalidade do ensino dos Espíritos, evitando-se comunicações oriundas de um único médium e de um único Espírito.

O Livro dos Espíritos foi, dentre os livros espíritas editados, o primeiro cujo conteúdo trouxe a síntese do conhecimento espírita. É a obra básica do Espiritismo contendo os princípios de uma filosofia espiritualista, sobre a imortalidade da alma, a natureza dos Espíritos e suas relações com os homens, as leis morais, a vida presente, a vida futura e o porvir da Humanidade - segundo os ensinamentos dados por espíritos superiores com o concurso de diversos médiuns - recebidos e coordenados por Allan Kardec. Não é obra de um homem, mas de vários espíritos

desencarnados que inauguraram uma nova era na humanidade, a Era do Espírito.

Em 1861, Allan Kardec publicou *O Livro dos Médiuns* contendo a parte experimental do Espiritismo. É um guia para os médiuns e evocadores e contém o ensino especial dos Espíritos sobre a teoria de todos os gêneros de manifestações, os meios de comunicação com o mundo invisível, o desenvolvimento da mediunidade, as dificuldades e os tropeços que se podem encontrar na prática do Espiritismo. O livro constituiu-se no seguimento de *O Livro dos Espíritos*.

Em 1864, Allan Kardec publicou *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, com a explicação das máximas morais do Cristo de acordo com o Espiritismo e suas aplicações às diversas circunstâncias da vida. Nesse trabalho ele reuniu os artigos do Evangelho cristão que podem compor um código de moral universal, sem distinção de culto. É a parte moral do ensino dos espíritos.

Em 1865, Allan Kardec publicou *O Céu e o Inferno*, fazendo uma análise da Justiça Divina segundo o Espiritismo. Ele faz um exame comparado das doutrinas sobre a passagem da vida corporal à vida espiritual, sobre as penalidades e recompensas futuras, sobre os anjos e demônios, sobre as penas, etc., seguido de numerosos exemplos acerca da situação real da alma durante e depois da morte.

Em 1868, Allan Kardec publicou *A Gênese*, que explica os milagres e as predições de Jesus segundo o Espiritismo. Traz uma análise, à luz da ciência da época, das origens do Universo e da Terra.

Embora tenha publicado outras obras (O que é o Espiritismo, Revista Espírita, etc.), estas são as principais e se constituem no ABC do Espiritismo.

São princípios básicos do Espiritismo:

1. A existência de Deus como Causa Primeira de todas as coisas, único e imaterial, sem a visão antropomórfica característica das religiões dogmáticas;

2. A existência dos espíritos como seres imateriais e imortais, que conservam a individualidade após a morte do corpo físico;

3. A evolução dos espíritos, sem cessar, na direção da perfeição divina, único determinismo na vida;

4. A reencarnação como mecanismo fundamental para a evolução dos Espíritos, em cujo processo se revela a Justiça Divina, que os educa para a compreensão das Leis de Deus;

5. A mediunidade como meio natural de comunicação com os espíritos desencarnados e como faculdade natural, inerente a todos os seres humanos;

6. A moral cristã como código de ética espírita, sobre a qual se apoia a conduta do verdadeiro espírita;

7. A pluralidade dos mundos habitados e não apenas a Terra, isto é, o universo infinito é plenamente ocupado.

O Espiritismo penetra em quesitos fundamentais do conhecimento humano. Aborda questões morais, filosóficas, científicas e religiosas, daí porque dizer-se que é ciência, filosofia e religião. É Ciência porque, tendo método e objeto próprio utiliza-se da observação e experimentação na busca de seu próprio desenvolvimento. É Filosofia porque responde as questões básicas do conhecimento humano. Estuda as origens do homem, de onde ele surgiu, para onde vai e quem é ele. É Religião,

mesmo sem ter sacerdócio organizado nem culto e rituais, e busca integrar o ser humano a Deus.

O Espiritismo é então o ponto de encontro desses conhecimentos. É a chave e o código que introduz o homem na compreensão de sua verdadeira natureza.

O Espiritismo difere das doutrinas mediúnicas por utilizar-se do fenômeno como meio de aprendizagem e evolução. A prática da mediunidade não é sua espinha dorsal, mas uma estrada por onde ele busca a verdade. Praticar a mediunidade não torna ninguém espírita. Além da aceitação de seus princípios básicos, o espírita se identifica pelos esforços que faz para melhorar-se.

O Espiritismo é a síntese do pensamento da humanidade, é fruto do trabalho dos espíritos e progride com a evolução da humanidade. Allan Kardec foi o codificador do Espiritismo. Não é idéia de um só homem nem de um grupo, é mais do que um fenômeno cultural, pois nasce, como todo saber, da evolução da humanidade.

O Espiritismo surge para levar o homem à felicidade, por intermédio da sabedoria e do amor, demonstrando-lhe a imortalidade da alma, sua evolução e seu papel na vida. Vem mostrar que o egoísmo e o orgulho são as chagas da humanidade, que a prendem ao materialismo, tirando-lhe a esperança no futuro e a alegria em viver.

2. Deus

Deus é a causa primeira de todas as coisas. Tudo o que existe é Sua criação. Não há nada criado fora d'Ele.

O homem compreende Deus pelas Suas obras. Na harmonia e na coerência das obras da Criação é que o homem encontra as provas de Sua existência.

A história da humanidade demonstra a percepção evolutiva que o homem teve a respeito de Deus. A idéia de Deus no homem é-lhe inata. Na primitiva caverna, ele se escondia do trovão considerando-o um deus. Os fenômenos da natureza, cuja explicação faltava-lhe, eram tidos como deuses, ou como sua manifestação de satisfação, ou insatisfação. Quando ele conseguia explicar tais fenômenos, como oriundos de causas naturais, modificava sua interpretação e seu conceito de Deus. Desses fenômenos, ele passou a fabricar imagens e cultuá-las. Das imagens, ele começou a reverenciar pessoas como sendo o próprio Deus. Fez dessa forma com Cristo e com outros mestres que se dedicaram à tarefa de ensinar o que já compreendiam das leis de Deus.

A crença em Deus foi influenciada pelo culto aos antepassados e pela idéia do sobrenatural. As manifestações

dos “espíritos da natureza” fizeram parte da constituição da concepção de Deus. A forma como os homens cultuavam seus “mortos” interfere em sua crença Nele.

A maioria das religiões surge por intermédio de revelações, muitas vezes atribuídas diretamente a Deus, porém trazidas por espíritos que, em se comunicando com os homens de forma por estes desconhecida, são tomados como sendo Ele, face à ignorância das crenças populares. Pode-se dizer, por esse motivo, que muitas religiões tiveram origens mediúnicas. De alguma forma a crença na sobrevivência da alma levou o homem a constituir suas religiões. Como as crenças estão disseminadas na humanidade, o homem criou diversas religiões populares, de acordo com sua cultura e com as épocas.

O medo e a curiosidade em desvendar os fenômenos da natureza fizeram com que os homens acreditassem nos deuses e em outras divindades características do momento histórico e da localidade em que viviam.

Houve fases da humanidade em que o homem viveu a litolatria (culto à pedra, a imagens, ao totemismo), o antropomorfismo (culto ao homem como se fosse Deus, atribuição de características humanas a Deus), o politeísmo (crença em vários deuses, dando surgimento à mitologia), a crença no Deus único (exclusividade de um deus particular e de acordo com suas necessidades), Deus Criador (Deus como gerador do mundo), Deus Pai (Deus como protetor dos homens), Deus Arquiteto (Deus como construtor do mundo), etc. Cada uma dessas concepções está relacionada com a evolução psíquica do homem e com sua compreensão de si mesmo. Quanto mais evoluído o espírito, melhor ele compreende Deus

Contrário a essas fases e independente delas, o homem também aproximou-se da negação da existência de Deus, afirmando-se materialista. O materialismo é a crença na matéria como origem e fim de tudo que existe. O materialista é alguém que não acredita em nada que dela não se origine. Para ele, não existe realidade espiritual ou qualquer fenômeno de natureza subjetiva. O materialismo significa a crença em um vazio absoluto após a morte, sendo, por isso uma doutrina *nihilista*. Nada existe no corpo a não ser a própria matéria. Não há vida após a morte. A vida material é a única que existe. Para o materialista, viver no corpo é tudo que lhe resta, o que pode levar a uma vida sem uma ética, pois que, não havendo nada além dela, nenhuma consequência terão seus atos. A sociedade se tornaria primitiva e extremamente dilapidadora da individualidade e da moral, levando o homem à idade da pedra onde vigoraria a lei do mais forte e do mais aquinhado.

Diferente do materialismo, o espiritualismo admite a existência de alguma coisa além da matéria. Há algo que sobrevive à morte do corpo. Esse algo é a alma ou espírito. O corpo é um instrumento para que o espírito possa viver no mundo material. O espiritualismo não alcança a vida espiritual tão amíúde como o espiritismo o faz. É espiritualista quem acredite que além da matéria há algo de transcendente a ela. Ser espiritualista não quer dizer ser espírita. As grandes religiões da humanidade são espiritualistas. Algumas acreditam na pré-existência da alma, outras não. O espiritualismo leva a uma esperança no porvir. O aspecto moral passa a ter importância para a situação do ser após a morte. O espiritualismo supera o materialismo por que aponta para um destino estruturante e

esperançoso para o homem. Ele assim pode entrever novas possibilidades de alcançar sua felicidade. Não se fixa num fatalismo destrutivo e angustiante.

Ao se questionar sobre Deus, sobre a origem do Universo e sobre a Vida, o homem percebeu que Sua existência é necessária, pois que não consegue explicar a origem de tudo que existe sem Ele. Necessariamente ele então buscou uma causa primeira. A essa causa primeira, abstrata em sua essência, ele chamou de Deus. A idéia de Deus é necessária para o homem compreender a sua própria natureza. O homem por si só não se auto-explica.

A idéia de Deus é inata no homem. É como se Deus pusesse sua “marca” na criatura. Não seria possível ser diferente. Mesmo os que dizem não acreditar em Deus têm a consciência de Sua existência. A não crença em Deus, muitas vezes, é consequência de um deus antropomórfico que foi “desenhado” pelas religiões dogmáticas. Esse deus está, aos poucos, morrendo, dando lugar ao Deus único, nascido da consciência do ser que se percebeu espírito, em processo de evolução.

Como explicar a existência do Universo? Como explicar a harmonia entre os globos, sóis e mundos no infinito? Decerto que não foi obra do homem. Há um ser que criou tudo. Se formos buscar aquilo que criou tudo o que existe, chegaremos a um primeiro ser. A esse primeiro ser chamaremos de Deus. Ele poderá ser entendido como o primeiro motor. O motor imóvel, a que se referia Aristóteles.

O conceito de Deus está intimamente ligado ao conceito de Bem e de Mal. Os aspectos morais da crença em Deus surgem desde seus primórdios, quando o homem relacionava seus infortúnios e suas alegrias às

manifestações “sobrenaturais” da natureza. O medo do castigo, o receio das punições, as recompensas desejadas, foram responsáveis pela introdução daquele aspecto na crença em Deus. O reconhecimento da criação, a percepção da beleza na natureza, a percepção do amor e da harmonia, também contribuíram para acreditar-se em Deus como sendo o Amor, como contraposição ao que se recebia da natureza, considerada agressiva. A sombra do homem, que significa seu desconhecimento de sua personalidade e a negação do que é considerado mal como inerente a si mesmo, o que, em última análise, é o desconhecimento das Leis de Deus, levou-o a criar o conceito de mal. O mal é a ausência do bem. É uma criação abstrata, não tem existência real. É apenas a impossibilidade de enxergar-se o bem. Ambos os conceitos são importantes para o homem encontrar a verdadeira essência das coisas.

Deus criou os seres para evoluírem e alcançarem a perfeição, a qual é o perfeito conhecimento de Suas leis. Quando o homem conhecer e praticar as leis de Deus, estará livre da influência do mal. O mecanismo que liga o homem ao criador é a oração, a prece. Com a prece, nascida da essência do homem, ele se eleva ao criador. A oração é uma forma de se elevar o pensamento e de se conectar ao espiritual. A oração alivia, acalma e cura. Seu poder se estende além da crença, tendo influência no estado físico, psicológico e espiritual de quem a utiliza.

A fé é um elemento importante, porém não essencial, para a compreensão da existência de Deus. O significado de se ter fé, transcende à crença cega em algo dogmaticamente estabelecido. No Espiritismo a fé exige raciocínio, emoção, discernimento e lógica para a consciência da existência de Deus se estabelecer. A fé em Deus significa a compreensão

lógica e sentida de Sua existência. No Espiritismo a fé é raciocinada em bases lógicas, claras e emocionais.

A fé e a oração colocam o homem em contato com Deus, estabelecendo, de acordo com a forma e o conteúdo, uma relação de submissão ou identidade. A submissão vem da atitude petítoria e louvatória e a identidade de uma tentativa de identificação com os objetivos divinos.

A idéia de Deus, no Espiritismo, é completamente destituída de antropomorfismo, sendo o Universo consequência de Sua vontade. O Bem é visto como finalidade última, manifestada na harmonia e se apresenta em diferentes níveis de compreensão. O homem, que em sua essência é o espírito, juntamente com as Leis universais, é a Criação de Deus.

3. Espíritos

O espírito constitui-se num resultante da evolução do princípio espiritual após sucessivas existências em contato com a matéria bruta, com organismos vegetais e com a complexidade dos corpos animais. Difere do princípio material não só pela inteligência como também pela capacidade de assimilar as leis de Deus desenvolvendo-se nelas.

Quando o princípio espiritual atinge a capacidade de utilizar um corpo humano, ele é denominado espírito. Portanto a criação dos espíritos remonta à criação do princípio espiritual que se origina de Deus. O surgimento de novos espíritos é consequência natural da evolução do princípio espiritual e se dá constantemente.

O homem possui natureza tríplice, sendo ele o encontro do corpo físico, do perispírito e do espírito. Essa constituição o coloca em condições de viver a vida material e a espiritual simultaneamente. O corpo físico é o veículo de manifestação do espírito na realidade material. O perispírito é um organismo de ligação entre a vibração da matéria e a natureza transcendente do espírito.

Em que pese a crença nos espíritos ser antiga, a confirmação científica de sua existência é ainda algo posto sob dúvidas, sendo aceita pelas religiões e alguns sistemas filosóficos. Ainda não é do domínio da ciência, nem mesmo como seu objeto de estudo.

Mas o fato que mais marcou a história do Espiritismo antes de Allan Kardec, foi o surgimento dos fenômenos de Hydesville, nos Estados Unidos, em março de 1848. Naquele condado do Estado de New York, na casa da família Fox, numa noite de verão, no quarto das filhas do casal, pancadas nas paredes foram ouvidas buscando um tipo de comunicação. As meninas Katherine e Margaretta, de nove e doze anos, resolveram solicitar que quem quer que estivesse fazendo aquilo repetisse as batidas que elas faziam nos seus dedos. Foram prontamente atendidas. Iniciou-se ali um sistema de código entre as meninas juntamente com seus pais e o espírito, que se denominou Charles Rosma, vendedor ambulante, que antigos moradores da casa assassinaram, havia cerca de cinco anos, para roubar-lhe dinheiro. Disse que seu corpo estava sepultado no porão. Tempos depois tudo foi investigado e constatada a veracidade.

Assim começaram as reuniões espíritas, nas quais, os espíritos, espontaneamente traziam informações da sociedade espiritual bem como de suas ações e motivações. Todos os princípios básicos do Espiritismo foram trazidos por intermédio de comunicações obtidas em reuniões em que os espíritos ditavam mensagens para o esclarecimento dos encarnados.

Os espíritos foram criados por Deus, que continua criando-os sem cessar, simples e ignorantes quanto às Suas leis. Essa criação é de toda a eternidade e ocorre em todo o

Universo. Os espíritos povoam o cosmo e se encontram em mundos espalhados pelo infinito em estágios diferentes, os quais são habitados por eles que se encontram em níveis evolutivos diferentes, porém todos fazendo parte da natureza. Os mundos se comunicam como cidades de um mesmo país. Os espíritos, de acordo com propósitos superiores, deslocam-se de um mundo a outro a fim de cumprirem aprendizados que os capacitem à perfeição.

Os espíritos manifestam-se na natureza através do elemento material. Revestem-se de um corpo de matéria sutil para operar no mundo material. Esse corpo chama-se espiritual ou perispírito e é seu veículo de manifestação no mundo físico, sendo-lhe importante no seu processo de evolução.

Sua manifestação decorre da existência desse perispírito, que lhe permite transitar de um mundo a outro e influenciar a matéria. O perispírito é um organismo semimaterial e se presta à ligação entre a matéria e o espírito, sendo veículo importante nas manifestações mediúnicas. É pelas suas propriedades semimateriais que se processam as comunicações mediúnicas, bem como a gama de fenômenos anímicos denominados paranormais ou parapsicológicos. Sua matéria constitutiva é sutil e impressionável pelo pensamento, não sendo ainda possível detectá-la pelos modernos aparelhos eletrônicos, por mais sofisticados que sejam.

Os órgãos do perispírito são chamados de chakras e correspondem aos plexos do corpo físico. Os chakras são centros de força que comandam a atividade do perispírito. O perispírito se liga ao corpo físico molécula a molécula, enraizando-se na corrente sanguínea e nervosa, participando dessa forma de todas as sensações. O perispírito também

possui camadas denominadas de corpos, que se prestam a processos distintos. Há, no perispírito, a parte relativa ao corpo astral da qual se utiliza o espírito quando desencarna; há o corpo vital, que lhe serve de manutenção da atividade vital do corpo físico; há a parte mental, que lhe comanda os processos ligados à memória e outras atividades psíquicas; há o corpo causal que registra os processos cármicos; o corpo emocional, sede das emoções, etc.

No perispírito ficam gravadas as experiências que o espírito vai tendo durante suas sucessivas existências em corpos físicos. O corpo físico registra a experiência, o perispírito grava e a codifica passando ao espírito que a assimila de acordo com a lei de Deus que lhe corresponde. Os espíritos moldam o perispírito de acordo com seu pensamento. No perispírito ficam gravadas as heranças cármicas. Quando o espírito retorna a uma nova existência, essa gravação será responsável pelas alterações no corpo físico, resultando nos processos educativos a que tenha que atravessar.

Os espíritos se organizam no mundo espiritual de acordo com seus níveis evolutivos e por afinidades de propósitos. À medida que evoluem mudam de situação e se agrupam com aqueles que estão em sua faixa de evolução. Após a morte a evolução continua, não havendo nenhuma espera para julgamentos nem estação de repouso definitivo ou sofrimento eterno. A sociedade espiritual evolui, podendo o espírito viver tanto em várias regiões do mundo espiritual quanto em mundos diversos. O universo é habitável em toda a sua infinita extensão. Quando o espírito já aprendeu o suficiente num mundo, ele passa a um outro que lhe possa mostrar outra lei de Deus que ele ainda não conhece. A evolução nunca cessa.

Os espíritos, vinculados àqueles que deixou no mundo material, costumam lhes aparecer a fim de provar-lhes a continuidade de sua existência. São comuns as aparições de pessoas recém falecidas junto a parentes com a finalidade de se despedirem deles. Essas aparições muitas vezes provocam medo e são atribuídas a forças demoníacas. Nada mais são do que testemunhos da continuidade da vida após a morte. A morte do corpo provoca a desencarnação do espírito. Morte e desencarnação se referem a sujeitos distintos. A morte diz respeito ao corpo físico, e a desencarnação refere-se à saída do espírito. Com a morte, o perispírito se separa do corpo a fim de viver sua verdadeira vida, a espiritual.

Alguns espíritos, pela sua natureza, não só se apresentam como também se materializam, tornando-se tangíveis. Utilizando-se dos fluidos (energias) especiais conseguem se mostrar de forma inequívoca, provando sua individualidade e imortalidade.

Através de mensagens faladas, escritas e pela visão de alguns médiuns, trazem mensagens ricas de identificações e de detalhes comprováveis de sua veracidade. Às vezes, produzem escrita direta, sem que para isso haja qualquer interferência de encarnados. Simplesmente uma página, antes em branco e dobrada sob uma peça ou dentro de uma gaveta, aparece escrita.

À época do surgimento do Espiritismo estavam em moda na Europa as reuniões para se assistir às famosas mesas girantes. Salões ficavam repletos para se levar perguntas às pequenas mesas de três pés, a rodarem sobre o alfabeto para que se anotassem as respostas. Muitas coerentes, outras incompreensíveis, tanto perguntas quanto respostas.

Muitos cientistas e estudiosos de várias áreas se dedicaram a investigar as teses espíritas com relativo sucesso. Dentre eles Franz Anton Mesmer (1776), com os estudos sobre magnetismo, William Crookes (1872), com seus estudos sobre materializações de espíritos, e Charles Richet (1922), com seu Tratado de Metapsíquica. Outros, não citados, negaram, sem contudo apresentar explicações convincentes, detendo-se apenas na procura de fraudes. A entrada, porém, dos princípios espíritas como objeto de investigação científica se deu com os trabalhos de Joseph Banks Rhine (1930) da Universidade de Duke, na Carolina do Norte e de Ian Stevenson (1960) da Universidade da Virgínia, ambas dos Estados Unidos. Seus trabalhos, de repercussão internacional e de credibilidade reconhecida, dentre outros, prestaram-se à comprovação dos princípios espíritas.

Os espíritos podem ser classificados em níveis distintos de acordo com seu grau de evolução, aperfeiçoamento e com suas características de personalidade. Há aqueles que são sábios e bondosos que se comprazem em fazer o bem, os superiores, os que são amigos, os familiares, os levianos, os pseudo-sábios, como também há os equivocados e infelizes que ainda buscam prejudicar as pessoas. À exceção dos espíritos puros, de alto grau de evolução e que já dispensam o estágio na matéria, todos ainda são imperfeitos.

Os espíritos não são seres à parte na criação divina. Nós todos somos espíritos em processo de evolução, sujeitos às mesmas leis do mundo espiritual. Uns no corpo físico, outros fora dele, todos estamos submetidos à lei de Deus. Os espíritos fora do corpo físico constituem-se no nosso futuro após a morte, tanto quanto somos a realidade

deles quando retornam. Os espíritos estão longe de serem iguais, diferindo em elevação, de acordo com o grau de perfeição alcançado.

Página em branco

4. Evolução

Deus, de quem se originou o Universo, criou o Espírito e o Fluido Cósmico Universal, do qual se deriva a matéria. A diferenciação do fluido cósmico universal faz aparecer a energia e conseqüentemente a matéria. Nada há fora do universo além de espírito e matéria, nas suas mais variadas manifestações. O homem (espírito) é produto dessa criação, que evoluiu desde os primórdios da Terra até alcançar a constituição atual, no sentido físico e psíquico. Ele não é criação instantânea, nem tampouco é produto final dela, representando o grau máximo atual da evolução na Terra.

A origem do universo, com suas galáxias, estrelas, planetas, cometas e satélites, perde-se na eternidade, não sendo possível determinar-lhes a época com precisão. O fato é que foi criado em dado momento por Deus, sendo tempo e espaço conceitos relativos discutíveis. Os estudos atuais a esse respeito revelam que houve uma grande explosão responsável pela expansão do universo, que se iniciou há aproximadamente quinze bilhões de anos. Dessa explosão surgiram conglomerados de estrelas oriundas de nebulosas, cujo resfriamento deu origem aos sistemas

planetários. O sistema solar, do qual a Terra faz parte, está imerso na galáxia que tem o nome de Via Láctea. A criação da Terra se deu pelo resfriamento de uma nebulosa, que gerou o sol e os planetas, há aproximadamente quatro bilhões e meio de anos atrás.

A natureza, com toda a sua diversidade e manifestações, é fruto dessa evolução, não sendo concebíveis criações mágicas e extemporâneas. A terra, os mares, os vegetais, os animais, o corpo humano e demais elementos da natureza, são frutos da evolução e da manifestação da Vida na Terra.

Num período apropriado, Deus criou o princípio vital na Terra, e a partir de então se deu a expansão da criação. Essa manifestação da Vida era apenas algo diferenciado da matéria, porém sem consciência dessa diferenciação. Algo como uma espécie de poder vivificador latente à matéria. Essa essência, em contato com a matéria, aos poucos, de acordo com as modificações ambientais que iam transformando a Terra, estruturava-se a caminho de sua própria identidade. As eras geológicas se sucederam e, com elas, a essência de vida, que denominamos de princípio espiritual. Esse mesmo princípio, acoplando-se às formas materiais, foi se estruturando, desenvolvendo-se, apreendendo as leis do universo, numa trajetória constante na direção do divino, tornando-se cada vez mais complexo e buscando formas mais aptas ao seu progresso. Passa pelas experiências junto à matéria bruta (princípio material), estagia nas formas transitórias entre o mineral e o vegetal, passa pelas espécies vegetais, apreendendo a sensibilidade e os mecanismos da nutrição, atravessa o reino animal alcançando o homem quando, nesse processo contínuo, estrutura a razão ou consciência de si e de Deus.

A extinção de animais em eras remotas e a inexistência de elos perdidos na evolução obedecem aos princípios do desenvolvimento espiritual objetivado pelo criador da Vida. Cada organismo serve a um propósito. Não havendo mais aquele tipo de organismo é por que outro mais apto atenderá às novas necessidades do ser em evolução, isto é, um novo organismo atenderá a um novo propósito. Caso haja a extinção sem que um propósito tenha sido atingido, o princípio espiritual irá migrar para um mundo onde possa alcançar aquele propósito ainda incompleto.

Dessa forma os diversos reinos da natureza estão encadeados e consolidados num processo de aperfeiçoamento material e espiritual. Subjacente ao aperfeiçoamento das formas materiais, isto é, dos organismos, há o desenvolvimento do princípio espiritual que, no estágio humano, é chamado de Espírito.

No reino animal, principalmente no humano, a passagem entre formas físicas se dá através da reencarnação. Esse mecanismo consegue explicar a evolução da complexidade do psiquismo humano. A cada nova experiência em contato com o corpo material, o princípio espiritual vai adquirindo novos conhecimentos que o capacitam a novos desafios em novas formas, na direção do infinito, cujo objetivo é a perfeição. Nessa trajetória o espírito vai conhecendo e aplicando as leis de Deus, sem as quais torna-se impossível evoluir.

O processo de aquisição de experiências num organismo, que capacita o princípio espiritual a acoplar-se em outros, dá-se através da consolidação de um corpo intermediário entre a matéria e o espírito. Esse corpo, denominado perispírito, serve como aparelho de registro

das experiências adquiridas em fases anteriores. Ele é o veículo de manifestação do princípio espiritual, e, mais tarde, do Espírito, enquanto fora do corpo material, nos intervalos entre uma existência e outra. Graças a ele, a reencarnação processa-se compatibilizando um estágio evolutivo em outro mais adiantado, isto é, mais apto a um novo aprendizado. Não é possível a um ser que esteja num estágio superior reencarnar em corpo mais atrasado, isto é, menos complexo. Um ser humano não reencarna portanto num corpo de outro animal.

Tudo se encadeia no universo, da forma mais primitiva, da partícula mais rudimentar, ao ser mais evoluído. Tudo evolui na natureza, em direção ao amor de Deus. Tudo está interligado e conectado a Ele. A evolução não dá saltos, é infinita e inexorável. O homem, portanto, evolui a partir de espécimes inferiores que possibilitaram a aquisição de experiências fundamentais à percepção das leis de Deus. Quando, num planeta, cessa a possibilidade da aquisição de experiências para essa percepção, o espírito passa a reencarnar em mundos mais adiantados, continuando assim sua trajetória evolutiva. Há uma evolução material, que modela novas formas mais adequadas à aquisição das experiências, e uma evolução espiritual que possibilita ao homem alcançar os objetivos divinos.

A evolução tecnológica e científica fez o homem fixar-se mais para fora de si mesmo e envolver-se mais com o mundo externo. A evolução espiritual o levará ao encontro consigo mesmo e com Deus. As ciências da alma, em particular a psicologia, têm se dedicado ao estudo do comportamento humano sem contudo penetrar em sua alma. O ser humano é essencialmente espírito, mesmo

revestido de um corpo material, e transcende as explicações causalistas de seus comportamentos. Sua natureza espiritual o coloca em contato com Deus, independente de suas crenças ou das explicações teológicas das religiões dogmáticas.

A evolução espiritual é a única fatalidade que existe. O Espiritismo reconhece o homem, como ser eterno que é, dada sua natureza espiritual, na condição de autor de seu destino e co-autor da evolução social. A evolução possibilitará o encontro sublime e misterioso entre o Homem e Deus, eternamente ansiado por ele e objetivado por Ele. É o encontro místico e transcendente a que se referem os grandes mestres e as religiões, desde as mais primitivas às contemporâneas.

O Espiritismo aponta novos rumos evolutivos, propagando a necessidade do homem perceber-se um ser em evolução bem como a entender os diversos níveis em que se encontram seus semelhantes.

Não só afirma a evolução humana como também se coloca como um conhecimento e um saber evolutivo. Não compactua com dogmas nem argumentos calcados em afirmações sem provas. Suas bases se assentam nas leis da natureza, não havendo princípio, que, se contrariado pelo saber humano, permaneça como corroborado pelo Espiritismo. Sua autoridade está na própria realidade dos fatos e não na autoridade de pessoas ou livros nos quais as opiniões sejam inamovíveis. Não há autoridade maior que aquela aceita pela consciência e confirmada pelos fatos. A evolução, há muito percebida, representa a certeza de que na natureza tudo ascende na direção da harmonia e do equilíbrio, em que o parâmetro é o amor.

A evolução humana consiste em adquirir-se o conhecimento das leis de Deus. Evoluir é apreender Suas leis para a felicidade própria e a coletiva.

5. Libertação do Espírito

O espírito, mesmo vinculado ao corpo físico, goza de relativa liberdade face às propriedades de seu perispírito. Não só após a morte, mas principalmente durante o sono, o espírito se liberta do corpo, mantendo-se a ele ligado, para se relacionar com outros em idêntica situação ou com aqueles que já retornaram à vida espiritual. Ao despertar ele terá, por intermédio dos sonhos, vaga lembrança do que ocorreu. Há casos em que o espírito se liberta do corpo, no sono ou no estado de vigília, de forma consciente, sendo possível que escolha livremente o que fazer e aonde ir. Esse fenômeno é conhecido com o nome de viagem astral ou desdobramento, onde o espírito guarda nítida e vívida impressão de quase tudo que lhe ocorreu durante aqueles momentos que passou em estado alterado de consciência. A Bíblia está repleta de casos de desdobramentos em que seus protagonistas contaram seus encontros com “anjos” e com “Deus”.

O sonambulismo é um estado parcial de emancipação do espírito, em que, às vezes, ele consegue, utilizando-se de seu próprio corpo, estabelecer relativa comunicação entre o mundo espiritual e o mundo material. Outros estados

característicos de emancipação do espírito ocorrem nos casos de catalepsia, morte aparente e nos comas. Nesses momentos, os espíritos costumam encontrar-se com outros e registrar as ocorrências que se dão à sua volta. São muito comuns os relatos de pessoas que permaneceram conscientes quando passaram pelo estado de coma, ou durante cirurgias em que se submeteram a anestesia geral, ou sofreram violento trauma em que desacordaram, acerca dos acontecimentos decorridos à sua volta com médicos e enfermeiros, sem que pudessem fazer alguma coisa em favor de seu próprio restabelecimento.

A saída definitiva do espírito do corpo físico se dá com a morte deste e conseqüente desencarnação daquele. A desencarnação é o fenômeno que liberta o espírito daquilo que foi seu corpo físico, devolvendo-o à sua verdadeira condição. A desencarnação é o mecanismo natural de transferência para outra realidade da Vida.

Todos os espíritos estão sujeitos a ela bem como ao seu retorno a uma nova experiência na carne, até que, evoluídos, libertem-se definitivamente das encarnações.

Quando a desencarnação ocorre de forma provocada, decorrente da eutanásia, do homicídio ou do suicídio, o espírito perturba-se face ao desconhecimento do significado da vida no corpo. Muitas vezes o espírito permanece vinculado ao corpo, mesmo depois de decorrido algum tempo de morto, face à sua ligação vital com ele. A eutanásia não permite que o espírito, durante aqueles momentos de dor e sofrimento, reflita e se melhore, aproveitando a situação para entender os mecanismos sutis de que se utilizam as leis de Deus para educá-lo, visando seu próprio progresso. Cercar essa possibilidade pode

significar adiar a oportunidade de fechar ou refletir sobre um ciclo de provas em curso.

Em geral, o suicida sofre após seu ato principalmente tendo em vista a constatação da continuidade da vida. O motivo pelo qual tomou aquela decisão lamentável não cessa após a morte do corpo físico, pois sua personalidade continua intacta e frágil da mesma forma. Via de regra o suicida reencarna para completar o tempo desperdiçado.

A vida no corpo é uma oportunidade para o espírito educar-se e preparar-se para novas jornadas cada vez menos dolorosas e em mundos mais adiantados, onde terá maiores oportunidades de crescimento. Nesse sentido, viver é educar-se para morrer, pois o faz retornar ao seu mundo de origem, creditando-o a novas realizações superiores.

Da mesma forma que a eutanásia e o suicídio, as mortes por assassinatos e pelo aborto também provocam perturbação ao espírito pela sua expulsão involuntária do corpo físico. O aborto geralmente trás conseqüências psicológicas àqueles que participaram direta e indiretamente no seu processo. A culpa e o remorso são componentes básicos dos sofrimentos de seus causadores. O desrespeito à vida significará a necessidade de aprender a valorizá-la no futuro, ensejando algum processo educativo.

O espírito nunca dorme nem cessa sua atividade psíquica. O sono, que é do corpo, não interrompe sua atividade e seu estado consciencial. É durante o sono que o espírito se liberta do corpo, comunicando-se com outros espíritos, renovando seus propósitos na existência atual. Nesse contato, ele pode se lembrar tanto de suas vidas passadas como também tem acesso a eventos futuros. Seus sonhos, dessa forma, poderão trazer imagens de eventos que efetivamente ocorreram durante o sono, eventos que se

deram em vidas passadas e eventos que ainda irão ocorrer. Neste último caso, são chamados de sonhos premonitórios. Uma vez libertos das imposições da matéria, o espírito possui mais elementos para antever o futuro, sem contudo poder, de forma absoluta, modificar-lhe o destino. Isto não quer dizer que tudo esteja traçado. Pode o espírito, de acordo com seu grau de evolução, alterar o destino face ao seu livre arbítrio, submetendo-se às conseqüências naturais da mudança realizada.

É muito comum os espíritos familiares, já desencarnados, aparecerem durante o sono a fim de diminuir as saudades de seus entes queridos que permanecem ainda na carne. Inspiram-lhes novas idéias e os impulsionam a continuarem na carne bem como a suportarem as provas necessárias ao seu progresso.

Face às propriedades do corpo espiritual e ao grau de adiantamento do espírito, este pode possuir a capacidade de ver além do corpo físico mesmo estando acordado. O corpo não é uma prisão absoluta para o espírito, pois ele também tem parcial lembrança de seu passado e percepção de seu futuro. Pela faculdade conhecida pelo nome de dupla vista, ele percebe os acontecimentos bem como tem intuições quanto ao futuro.

As desencarnações variam de acordo com as necessidades cármicas de cada um, não havendo, portanto, uma igual a outra. Às vezes, elas são precipitadas pelo próprio espírito, não só por suicídio direto como também pelo indireto. Este último se dá quando, pelo gasto de fluido vital, ele abrevia seu tempo de vida. Esse gasto excessivo se verifica quando ele, pela alimentação inadequada, ou através de práticas de vida que consomem muito fluido

vital, destrói seu próprio organismo. São suicídios lentos ocorrendo a desencarnação antes do tempo.

Outras vezes ocorrem desencarnações acidentais por conta de processos em que o espírito se envolve, não previstas para a atual encarnação, mas que se verificam em decorrência de imprudências, imperícias ou negligências.

Quando a pessoa desencarna, geralmente seus parentes da atual encarnação, que já retornaram ao plano espiritual, recebem-no e amparam, orientando-o para sua nova situação após a morte do corpo físico. Às vezes, são espíritos vinculados ao recém-desencarnado, que ele não conheceu na atual encarnação, mas que lhe foram caros em outras. Em geral, nos momentos que se sucedem à desencarnação, a pessoa entra num estado de perturbação momentânea semelhante a sonolência, recobrando os sentidos após algum tempo, o qual varia de acordo com o grau de evolução do espírito. Quando mais os parentes se apearem e se desesperarem pela morte do parente, mais o espírito se perturba e demora em retornar ao equilíbrio. Às vezes, os espíritos encarregados de desencarnações vêm-se na contingência de provocar uma pequena melhora no doente para que a família, afastando-se, afrouxe os laços do apego e permita que o indivíduo desencarne sem muito sofrimento.

Algumas desencarnações são programadas a fim de facilitar o processo de crescimento do espírito. Às vezes é melhor desencarnar o espírito naquele momento, a fim de que ele não se comprometa mais com seu próprio futuro espiritual.

A morte é um fenômeno inevitável e necessário ao aprimoramento do espírito. Com ela, completa-se um ciclo e inicia-se outro de igual relevância para o desenvolvimento

espiritual. A vida se renova sempre a cada etapa. Encontros e desencontros são marcados pelas sucessivas vidas. Cada espírito terá aquilo que ele mesmo semeou em suas existências.

Viver no corpo torna-se uma necessidade evolutiva face aos desafios de viver fora dele. Vive-se bem após a morte de acordo com o que se faz enquanto no corpo físico. Vive-se bem no corpo físico de acordo com o que se vive fora dele. Cuidar bem do corpo é, portanto, importante para se ter uma vida espiritual e existências posteriores na matéria, sadias. Embora a vida espiritual seja a vida verdadeira não se pode desprezar a vida terrena como oportunidade de aprendizado das leis de Deus.

Muito mais importante do que ser espírita ou ter esta ou aquela religião, é perceber-se um espírito em processo de evolução que, invariavelmente, sai de seu corpo para viver a vida espiritual. A vida espiritual é destino de todos, independentemente de crença ou aceitação de dogmas. Vive-se fora da matéria de acordo com o nível de evolução do espírito, que não se mede pela declaração de princípios, mas pela experiência nas sucessivas existências.

As desencarnações provocadas, seja pelo suicídio, pelo aborto, pela eutanásia ou por negligência do ser humano, acarretam conseqüências aos seus responsáveis diretos e indiretos. Deixam marcas perispirituais que exigem tratamento no mundo espiritual e que repercutirão nas existências seguintes.

6. Reencarnação e ciência

Presente nas mais diversas culturas, a reencarnação desafia o tempo, permanecendo viva na mente e nas crenças do ser humano. Desde a mais remota antigüidade até os nossos dias, ela vem sendo a forma mais completa de explicar os diversos e complexos fenômenos da experiência humana. Sua credibilidade vem de evidências experimentais, de provas sob rigoroso controle científico.

A reencarnação é hoje um fato cientificamente provado. Com fortes evidências sob o ponto de vista da ciência, já alcançou a atenção dos institutos de pesquisas das universidades. Não é difícil demonstrar, através de provas científicas, que a Reencarnação é uma lei universal e que a evolução humana se processa através dela.

Reencarnar é o retorno a um novo corpo, através de um novo nascimento, via fecundação, da personalidade individualizada do ser humano. Retornar significa voltar com a mesma individualidade anterior. Apesar de mudar-se de nome não se passa a ser outra pessoa. A personalidade anterior se modifica a partir do nascimento, com um novo ambiente, porém o espírito é o mesmo. Encontramos como sinônimo de reencarnação o termo palingênese, que significa nascer de novo e o termo metempsicose, de origem grega, cujo significado aproxima-se do de reencarnação, porém, ao contrário do conceito espírita, que só admite o retorno a um corpo humano, aceita também o regredir às formas animais.

Os mais antigos livros onde encontramos a doutrina da reencarnação são os Vedas, de cuja matriz surgiram grande parte das religiões e sistemas filosóficos da Índia, e que contêm hinos sagrados cuja origem remonta há muitos anos antes de Cristo. No Egito, as dinastias mais antigas acreditavam na preexistência da alma, antes do seu nascimento, assim como na sua pós-existência depois da morte, e nos muitos nascimentos da alma neste e em outros mundos.

Religiões significativas da Pérsia, principalmente o Zoroastrismo, na sua forma genérica popular e dinâmica, seguiam doutrinas contendo a reencarnação, sendo que no Zoroastrismo (século VII a. C.) há a concepção de uma espécie de justiça cósmica de que as almas recebiam os seus prêmios ou castigos merecidos nas vidas futuras. Há registros de que da Pérsia a crença da reencarnação foi levada à Grécia.

A religião ortodoxa Islâmica não aceita nenhuma doutrina de reencarnação. Apesar disso, algumas escolas esotéricas dentro do Islamismo – tais como os Sufis e os Drusos, defendem fortemente a reencarnação. Alguns místicos islâmicos e poetas sufis como Rumi, Hafiz e outros, defendiam abertamente a reencarnação.

De acordo com Flavius Josephus, o 1º historiador judeu do século I d. C., as três escolas antigas de pensamento e prática da religião judaica – os Saduceus, os Fariseus e os Essênios – diferenciavam-se acerca do destino da alma após a morte do corpo. Os Saduceus defendiam que a alma morre juntamente com o corpo. Os Fariseus mantiveram a imortalidade da alma, o renascimento das almas das pessoas boas noutros corpos e o castigo eterno das almas dos mais fracos. Os Essênios aceitavam a

imortalidade e rejeitavam a reencarnação. O Velho Testamento contém passagens (Provérbios 8:22-31; Jeremias 1:4-5) nas quais o autor professa que teriam existido anteriormente ao nascimento físico, com destaque para Malachias (4:2-6) que previu o retorno de Elias à Terra.

No Alasca, entre os índios da tribo Tlingits, é crença geral que os mesmos sinais e cicatrizes podem reaparecer no corpo do renascido. Entre os Esquimós, há inúmeros casos de pessoas que se recordam de suas vidas pregressas. Diversas tribos americanas, dentre elas os Peles-Vermelhas, aceitam a reencarnação. Os Winnibagos crêem na reencarnação. Crença idêntica existe entre os índios Chippeway. Eles estão certos de que, em seus sonhos, podem reviver acontecimentos de encarnações passadas.

A principal corrente do Cristianismo ortodoxo, o Catolicismo, nunca acolheu abertamente a doutrina da reencarnação nas suas crenças, enquanto pensadores importantes e seitas dinâmicas abraçaram uma ou outra versão da doutrina dos renascimentos terrestres. Um conselho Ecumênico importante (o 2º de Constantinopla, em 553 d. C.), de acordo com a crença comum anatematizou todas as concepções da preexistência da alma e do renascimento, que faziam parte das teses de Orígenes (185 – 254 d. C.), excomungado em 232 d. C. por adotar a reencarnação. Um dos expoentes máximos da Igreja, Clemente de Alexandria (preceptor de Orígenes) aceitava a reencarnação e, ainda mais, afirmava que São Paulo também professava tal crença.

Nos Diálogos de Platão - *Fedon*, *Banquete* e *República* a reencarnação é apresentada como um dos ensinamentos de Sócrates. Em *República*, livro X, p. 614 à 620,

há o episódio de Er, filho de Armênio, originário da Panfília, que, após 12 dias de morte aparente, recupera-se e conta o que viu no mundo dos mortos. Relatou como se dá o retorno das almas para o renascimento.

Anteriormente a Sócrates, pelo menos Pitágoras, Heráclito e Empédocles expressaram explicitamente idéias de reencarnação. Em *Fedro*, Platão atribuiu a Sócrates a doutrina da existência da alma antes de entrar neste mundo, assim como a sua sobrevivência.

A despeito da Filosofia e em pleno século XX, as investigações sobre o tema tomaram novo impulso. Na França, com Albert Des Rochas, na Índia com Hamendras Nat Banerjee, nos Estados Unidos, com Ian Stevenson. Cada um à sua época desenvolvendo diferentes métodos de pesquisas, a partir de fatos concretos, trouxeram nova luz a respeito da reencarnação, principalmente introduzindo-a como objeto de investigação científica.

As pesquisas em torno da reencarnação virificam-se em vários campos; dentre eles tem-se a Regressão de Memória e as Lembranças Espontâneas na Infância. Entre os estudiosos de regressão de memória destaca-se Albert Des Rochas, Edith Fiore, Denis Kelsey, Morris Netherton, Helen Wambach e Hermínio Miranda. Todos eles desenvolveram experiências em torno da regressão de memória com resultados surpreendentes, que extrapolaram os espaços científicos, penetrando nos consultórios de psicólogos como técnica terapêutica.

Nas pesquisas de Lembranças Espontâneas na Infância, destacam-se os trabalhos de Ian Stevenson, H. N. Banerjee e Hernani G. Andrade. São pesquisas de grande credibilidade pelas características da espontaneidade e da insuspeição em se tratando de crianças. Há milhares de

casos catalogados com a confirmação das informações sobre vidas passadas que não se resumem a vagas memórias, mas, sim, a dados precisos, com nomes, datas, locais e detalhes importantes. Em tais pesquisas verificou-se que, o intervalo de tempo entre uma e outra encarnação pode variar de dias a séculos.

A necessidade de se estabelecer um princípio diretor, justo e equânime para justificar a sociedade e suas complexas relações, coloca a reencarnação como o mecanismo capaz de exercer a justiça divina e de possibilitar o crescimento da sociedade. Nada poderia justificar as contingências do existir com a precisão com que a reencarnação o faz. As dificuldades e conflitos humanos passam pela necessidade de uma justificativa filosófica e até mesmo do ponto de vista do equilíbrio energético. A reencarnação é a chave para desvendar os mistérios provocados pelo vazio do conhecimento parcial que o homem tem sobre si mesmo.

Nem sempre a justiça que se processa pela via da reencarnação, dá-se imediatamente na encarnação seguinte do espírito. Os mecanismos educativos podem ocorrer na mesma existência, sem a necessidade da reencarnação, como também podem se dar após várias encarnações. O tempo que leva para que o processo educativo se instale, dependerá da ocorrência de fatores que propiciem o aprendizado do espírito. Às vezes, há a necessidade de se reunir pessoas várias num processo único, o que poderá levar séculos ou milênios. Deve-se salientar que ninguém, nenhum ser humano, estará isento do processo de educação. A reencarnação é mecanismo obrigatório no nível de evolução em que se encontra a humanidade terrestre.

Ninguém está isento dela. Não há privilégios nem privilegiados.

Reencarnar sem a lembrança do passado é o mecanismo que possibilita a convivência de contrários e daqueles que elevaram a paixão ao seu grau máximo. Sem o esquecimento das experiências anteriores não é profícua a reencarnação. Reencarna-se para aprender, para educar-se. Para crescer a partir de novos elementos, de uma nova oportunidade, num novo ambiente, onde se possa construir ou reconstruir seu próprio crescimento. Tal esquecimento não significa a perda do conhecimento adquirido nas existências anteriores. O espírito não involui. Não se perde o que já se sabe. Esquece-se temporariamente o que não é relevante para o crescimento do espírito. As qualidades, os defeitos, as emoções, os amores, os ódios, ficam latentes e participam, de forma subjacente nas relações do reencarnado, atuando de forma inconsciente.

Muitos espíritos que estiveram juntos em encarnações anteriores se separam para se reencontrarem mais adiante. Alguns desafetos quando se vêem se “lembram” do passado. Pode ocorrer que a inimizade retorne. Como também os afetos quando se reencontram refazem a mesma ligação que tiveram no passado. O espírito “enxerga” o outro espírito, independente do corpo que tem e do grau de parentesco que possuem. Alguns espíritos não reencarnam na mesma época que seus afetos e ficam a velar por eles para que obtenham sucesso naquela encarnação. Ao libertar-se do corpo, seja durante o sono ou com a morte, o espírito vai aos poucos retomando sua memória integral.

O retorno através da reencarnação se dá para o crescimento do espírito. É um processo educativo, e não punitivo. Encarado dessa forma, não há um número

definido de encarnações para um espírito. Os processos não se dão de forma linear, isto é, não se passa pelo que se causou a outrem na mesma proporção. As circunstâncias a que um espírito está sujeito numa encarnação expiatória são sempre atenuadas pela Misericórdia Divina. A Lei de Causa e Efeito não é “olho por olho dente por dente”. Não se deve interpretar as doenças e outros sofrimentos senão como processos educativos. Errou-se no passado porque não se sabia como agir corretamente. Retorna-se para aprender até não mais se precisar reencarnar.

As idéias inatas, as simpatias e antipatias gratuitas, os gênios, de alguma forma parecem denunciar uma experiência anterior. O conhecimento não se produz de forma mágica. A reencarnação explica tais conhecimentos “inatos”, como oriundos de existências anteriores. Tudo então é aprendido pelo espírito. Nada lhe é “dado” de graça. Se no passado alguém adquiriu uma aptidão qualquer, ela hoje se manifestaria de alguma maneira.

Em muitos casos os reencarnantes retornam com marcas de nascença. Trazem cicatrizes denunciadoras de experiências pregressas. Marcas que, quando não são creditadas a fatores genéticos, reproduzem-se de uma a outra existência por mecanismos psíquicos. As experiências que produziram as marcas foram de tal forma intensas que gravaram o corpo físico, denunciando a existência de uma matriz comum onde ficam “guardadas” as impressões do espírito. Essa matriz é o perispírito. Da mesma forma que essas marcas, surgem fobias, traumas, que se revelam logo na primeira infância.

O conceito de reencarnação transcende ao aspecto da mera crença que está presente nas mais antigas culturas, tornando-se a base para a compreensão da razão de viver do

homem. A reencarnação não foi concebida como uma teoria para explicar a realidade, mas é uma realidade que explica e suscita muitas teorias. As relações humanas estão carregadas das emoções do passado. Impulsos, estímulos, reações emotivas, atitudes diversas, não são apenas fruto da vontade e do meio ambiente, mas principalmente das experiências pregressas gravadas no psiquismo.

A personalidade integral, que sobrevive à morte, já possui experiências diversas em matéria de profissões, de línguas aprendidas, de tipos de sexo, de classe social, de condição econômica. O fato, por exemplo, de já ter experienciado viver nos dois tipos de sexo, concede ao ser humano habilidades para habitar nesse ou naquele corpo, sem que isso lhe cause qualquer problema quanto à sua relação com o sexo do corpo escolhido. Uma nova encarnação representa a construção de uma nova personalidade no novo meio em que se vai renascer. Os traumas e conflitos, dessa forma, aparecem tendo como uma das causas, talvez a principal, essa realidade interna, anterior, que contrapõe com a realidade externa. A solidão e as repetidas e constantes desilusões afetivas podem ser encaradas como resultantes de processos educativos, oriundos de experiências mal sucedidas no passado.

O Espiritismo, com Allan Kardec, trouxe de volta a reencarnação como conhecimento fundamental de sua doutrina. Através do Espiritismo a reencarnação é analisada sob o ponto de vista sociológico e moral. A doutrina das vidas sucessivas é o alicerce da evolução. A frase “Nascer, morrer, renascer ainda, progredir sempre, tal é a lei” resume o significado da reencarnação para o Espiritismo.

7. Reencarnação como processo educativo

A maioria das reencarnações são planejadas pelos espíritos encarregados de proporcionar o aprendizado visando a evolução espiritual. Quando não são eles que o fazem, leis naturais proporcionam os fatores necessários às provas e expiações que o espírito enfrentará em sua nova encarnação.

O objetivo de se planejar a reencarnação é o de proporcionar a cada espírito os meios necessários ao seu adiantamento intelectual e moral. Às vezes, são necessários muitos anos de espera até que se possa reunir as condições favoráveis e os elementos necessários ao reencontro de antigos desafetos para aprenderem juntos as leis de Deus.

Esse planejamento inclui a definição tanto das provas quanto das expiações que o espírito atravessará. As primeiras são necessárias a todos os espíritos e as segundas são obrigatórias para os que se utilizaram de seu livre arbítrio em encarnações anteriores e cometeram equívocos diversos.

Pelas lições que o espírito necessita aprender e pelos processos educativos que tem de atravessar, o planejamento definirá as características do corpo que receberá, bem como as circunstâncias sociais em que renascerá; com quem reencontrará e com que ajuda contará no seu processo.

Planejar a encarnação não significa que o espírito estará limitado nem que o seu destino já esteja traçado de forma irremediável. Seu livre-arbítrio poderá alterar significativamente seu planejamento, o que acarretará conseqüências que venham a fazê-lo progredir mais do que o previsto ou que lhe sejam adversas. O planejamento é uma espécie de guia, roteiro ou lembrete ao reencarnado.

A vida espiritual é a vida verdadeira, porém não se deve desprezar a vida na matéria cuja importância é significativa. Para se viver bem na espiritualidade deve-se saber viver e conviver bem na vida material. As duas etapas não se opõem, mas complementam-se. A vida espiritual não deve ser encarada como um fim em si, mas como uma realidade semelhante à vida material.

O planejamento reencarnatório obedece a imposições compulsórias referentes ao passado do espírito. Suas experiências adversas em encarnações anteriores poderão limitar suas escolhas e seu livre arbítrio. Nem sempre poderá o espírito escolher livremente com quem vai reencarnar nem a que família pertencerá, face aos compromissos cármicos a que está sujeito.

Reunir desafetos tem o duplo propósito de não só reconduzir os espíritos a circunstâncias semelhantes às que viveu anteriormente como, graças ao esquecimento do passado, colocá-los frente a frente com sua própria necessidade de evoluir. Juntos irão transformar o ódio em

amor. O que se chama vulgarmente de dívida e resgate, débitos e créditos, na realidade são *processos educativos*.

Há problemas e conflitos que atravessamos, cujas causas não se localizam em existências passadas, mas, sim, na atual, frutos das contingências da infância e do uso do livre-arbítrio. Esses problemas gerados na atual encarnação não fizeram parte do planejamento reencarnatório sendo motivo, portanto, de sua alteração.

Ao reencarnar o espírito traz, de forma inconsciente, gravado em seu corpo espiritual, os traumas oriundos das encarnações anteriores, que estarão sempre a influenciar em sua vida atual. Esses núcleos traumáticos deverão ser resolvidos quando o espírito atravessar situações que se assemelhem àquelas do passado.

Atravessar uma prova ou mesmo submeter-se a uma expiação constitui-se numa oportunidade de aprender uma importante lição, pois, após seu término, sabe que já não mais precisará afligir-se daquela forma. É esse o sentido que aplicamos à colocação do Cristo: “Bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados”.

As doenças de nascença são marcas referentes aos problemas não resolvidos de outras encarnações e que surgem como sinais da necessidade que tem o espírito de educar-se. As doenças adquiridas no decorrer da encarnação podem revelar conflitos referentes a encarnações passadas ou à presente existência, como também serem decorrentes do desgaste natural do organismo.

Os processos educativos que alcançam um grande contingente de pessoas, atingindo, às vezes nações inteiras, dizem respeito a provas coletivas cujo planejamento exige uma complexidade maior na preparação. São planejamentos

feitos num nível superior aos das encarnações individuais ou de pequenos grupos.

Durante a encarnação, o esquecimento do planejamento não é total, pois o espírito tem lembrança dele quando liberto do corpo durante o sono, através de sonhos, durante meditações, por influências de seus guias espirituais, bem como através de intuições. Essa lembrança nunca é completa face à ansiedade que pode ser gerada.

Várias são as circunstâncias que podem alterar o planejamento reencarnatório, dentre elas cito o suicídio de um dos personagens envolvidos, o estupro que provoca uma reencarnação, certas separações de casais, redução ou aumento voluntário do número de filhos.

O espírito pode também começar a planejar sua encarnação futura ainda reencarnado, contribuindo inclusive para reduzir seus problemas futuros desde que se determine a iniciar sua transformação interior desde já. Esse movimento, via de regra, inicia-se com as correções de rumo da atual encarnação, fechando alguns processos mal resolvidos, que, se assim permanecerem, atrapalharão o futuro. Após isso deve refletir sobre si mesmo, identificar qualidades e defeitos que sabe que tem e, através de amigos, os que desconhece ter.

Esse planejamento prévio inclui reflexionar sobre profissão, sobre comportamento emocional, sobre lazer, sobre conhecimento intelectual, sobre habilidades diversas, sobre família, bem como sobre tudo aquilo que implique na adaptação social.

O planejamento reencarnatório não coloca ao espírito responsabilidades que não possa suportar. As provas e expiações são formas educativas, não punitivas, aliviadas pela misericórdia divina que, às vezes, proporciona

intervalos entre encarnações difíceis, tanto quanto diluição do processo em várias etapas.

É característica dos planejamentos reencarnatórios o reencontro de antigos desafetos, assim como o auxílio de espíritos afins para que se alcance sucesso no processo de educação. Esse equilíbrio favorecerá o crescimento sem que se aumente as aversões características do nível evolutivo dos espíritos na Terra.

O planejamento das reencarnações favorece a evolução no planeta, constituindo-se num instrumento de melhoria das relações entre os homens.

Página em branco

8. Processamento da Reencarnação

O processamento da reencarnação se dá através da fecundação biológica e possibilita a união do espírito ao corpo físico visando uma nova existência. É um processo natural a que está sujeito o ser humano quando, sob certas condições, encontra-se desencarnado. Dá-se no momento da união dos gametas para a formação de um novo corpo, a cujo desenvolvimento o espírito reencarnante contribui.

Durante a formação do embrião, nas divisões celulares, o espírito, através de seu perispírito, influencia as modificações a serem feitas no corpo que receberá. Essas modificações, que alteram o padrão hereditário, visam fazer face às necessidades provacionais e expiatórias do espírito. Alguns espíritos necessitam alterações cromossômicas significativas tendo em vista eliminar influências genéticas de seus pais, não necessárias. O momento da fecundação possibilita a predisposição a uma reencarnação, o que fará com que o espírito designado para aquele corpo a ele se ligue. A reencarnação se dá na fecundação, não havendo

nenhuma prova, por enquanto, de sua possibilidade fora desse momento.

Essas alterações, necessárias às provas e expiações do espírito, também são, às vezes, dada a sua complexidade, feitas não só no corpo físico de que ele vai se utilizar como também em seu perispírito.

Quando não há espírito designado para aquele corpo em formação, a gravidez não vinga, isto é, será um natimorto. Isto se dá como prova para os pais. Embora nem todo corpo em formação na gestação tenha um espírito, toda criança que nasce e é declarada viva, o tem utilizando aquele corpo.

O espírito que vai reencarnar, muitas vezes se liga ao organismo materno antes da união perispiritual com o óvulo fecundado, o que poderá provocar alterações físicas e comportamentais à futura mãe. Mesmo que ligado à mãe, ainda não está reencarnado, pois a reencarnação só é efetivada quando ele se liga ao óvulo fecundado. Essa ligação vai se estreitando na medida que se aproxima o nascimento, mas a reencarnação só vai se completar no início da puberdade. O processamento da reencarnação não se completa na fecundação, pois a união total só se dará quando o espírito se assenhorear de seu próprio corpo, fato que se dá, via de regra, no início da aquisição de responsabilidade e independência psicológica da criança tanto em relação à última encarnação quanto aos pais.

Outro espírito não poderá ocupar aquele corpo, pois cada um utiliza-se de um único e vice-versa. Mesmo ligado ao corpo, ainda no útero, pode o espírito desistir da encarnação, o que será uma espécie de suicídio.

Já ligado ao embrião, o espírito goza de menos liberdade, perdendo cada vez mais a consciência à medida

em que se aproxima o nascimento. Essa liberdade varia de acordo com o nível evolutivo do espírito, que, quanto mais adiantado, menos sujeito estará às contingências da matéria.

No período em que permanece vinculado ao embrião, a maioria dos espíritos entra num estado de hibernação face à delicada ligação entre seu perispírito e o novo e frágil corpo a que se liga.

Como é um processo que se assemelha à desencarnação, ou talvez mais difícil ainda, o espírito teme pelo possível insucesso diante das provas e expiações que enfrentará. Por isso é comum ele receber ajuda e incentivo de familiares e amigos desencarnados encorajando-o à reencarnação. Às vezes, os mesmos que planejaram através dele renascer, incentivam-no no momento da reencarnação.

As energias decorrentes do desenvolvimento do embrião induzirão ao reencarnante reduzir sua dimensão perispiritual adulta para algo semelhante ao corpo infantil. Seu perispírito irá se modificando gradativamente para adaptar-se à organização fetal e posteriormente ao corpo infantil.

Alguns espíritos prejudicam o processamento de sua reencarnação, por causa de sua densidade perispiritual extremamente desestruturada que, às vezes, por não conseguir fixar-se ao óvulo fecundado, provoca o aborto natural. São reencarnações que, de antemão se sabe, não vingarão e se prestam de um lado a reduzir a densidade perispiritual do reencarnante e de outro, servem de prova para os pais.

Durante a gravidez, o fluxo de pensamentos e emoções entre a mãe e o espírito reencarnante pode provocar alterações de comportamento dela face à presença de outra personalidade em seu campo mental.

O desenvolvimento físico do corpo e sua manutenção ainda no útero materno não se deve à presença do espírito, mas principalmente ao automatismo biológico bem como ao auxílio do perispírito materno. O fluido vital absorvido pelo embrião será o impulsionador ao seu desenvolvimento.

Durante o processamento da reencarnação o perispírito sofre alterações para adequar-se ao corpo físico tanto pela natureza mais densa deste, quanto ao novo meio ambiente a que estará sujeito. As mudanças no corpo espiritual decorrem principalmente face às novas necessidades de alimentação.

Durante o processo reencarnatório, o perispírito vai se enraizando na corrente sangüínea e na rede nervosa do corpo físico, sobretudo no córtex cerebral, por onde transitam as comunicações entre os dois veículos de manifestação do espírito.

É na base do cérebro que se situa a ligação fluídica entre o corpo e o perispírito quando o espírito se ausenta durante o sono. Ao deslocar-se do corpo, o espírito a ele se mantém ligado por um laço fluídico, espécie de cordão, que se estende a partir da região cerebral, pouco acima da nuca.

Há reencarnações especiais que requerem o auxílio de espíritos técnicos no assunto, tendo em vista as características especiais das provas e expiações do espírito bem como face às particularidades do corpo físico do reencarnante. O processo então será mais trabalhoso, exigindo o concurso de numerosos técnicos a fim de se evitar prejuízos aos objetivos. Por outro lado, há encarnações que são realizadas sem qualquer auxílio externo, seja pelo automatismo seja pelo grau de evolução do espírito, que neste último caso, realiza-a sozinho.

São, portanto, fases características do processo reencarnatório, muito embora possam variar caso a caso, a depender da evolução do reencarnante: levantamento de provas e expiações que serão necessárias, a escolha da família, o meio social, a modelagem do corpo físico, o esquecimento da última encarnação e conseqüente prostração de forças, a redução perispiritual com pensamento fixo no novo corpo em formação, a ligação com o óvulo e, durante a infância, a integração ao corpo físico até o final do processo.

Não há uma reencarnação igual a outra, pois para cada espírito há um processo evolutivo particular em curso, exigindo detalhamento e cuidados adequados.

Página em branco

9. Vida Espiritual

A vida espiritual é a vida verdadeira. O mundo dos espíritos é sua morada e o local onde desempenham suas principais missões e ocupações. Para se entender a vida espiritual é necessária uma compreensão maior a respeito da energia que, no Espiritismo, é conhecida pelo nome de *fluido*. Os fluidos são energias sutis que fazem parte da energia que preenche o Universo. Allan Kardec chamou essa energia geral de Fluido Cósmico Universal. A matéria é uma condensação desse fluido e, as várias modalidades de energia conhecidas pelo homem, são estados diferentes do mesmo Fluido Cósmico Universal.

Matéria, energia e fluido são expressões da substância material, que difere do princípio espiritual pela inteligência presente neste último.

Os fluidos são mais maleáveis ao pensamento do que a matéria, prestam-se à realização dos fenômenos espirituais pela sua natureza semimaterial. O perispírito, veículo de manifestação do espírito, é constituído de fluidos derivados do Fluido Cósmico Universal. Suas propriedades são a base para a realização dos fenômenos mediúnicos. O perispírito é corpo complexo, constituído de estruturas que

se prestam às mais diferentes funções. Na realidade, o que se conhece pelo nome de perispírito é um conjunto de corpos que se interpenetram e vão sendo eliminados na medida que o espírito evolui.

É através da manipulação dos fluidos que os espíritos constroem suas moradas e se organizam de acordo com sua evolução espiritual. Cidades, colônias, organizações diversas são construídas pela utilização e manipulação do Fluido Cósmico Universal. Quanto mais evoluído o espírito, mais capacidade tem ele de utilizar-se dos diferentes tipos de fluidos. É pelos fluidos e suas modificações que se estruturam as cidades astrais. A alimentação dos espíritos desencarnados se dá através de fluidos próprios que vitalizam o corpo espiritual.

Os espíritos, seres humanos desencarnados, organizam-se de acordo com os níveis de evolução em que se encontram, o que vai ditar seus interesses após a morte do corpo. De acordo com seus estágios evolutivos buscam reunir-se para ações comuns. Há organizações com interesses diversos no mundo espiritual: escolas, hospitais, locais de repouso, de lazer, de preparação à reencarnação, de desenvolvimento espiritual, etc.

As pessoas que desencarnam doentes, e que, continuam nesse estado, são abrigadas em instituições onde espíritos, que se organizaram na tarefa do auxílio ao próximo, desenvolvem seus trabalhos de socorro e cura. Há outras que desencarnam em bom estado psíquico e logo se entrosam em grupos afins para continuarem seu crescimento espiritual. Os espíritos se agrupam por afinidades e mútuos interesses.

Evidentemente que espíritos mais atrasados também se agrupam, muitas vezes em situações de sofrimento e dor

e noutras com a finalidade de perturbar pessoas e grupos com quem acreditam ter contas a ajustar. Portanto, há regiões onde impera a felicidade sem ociosidade como também há regiões de sofrimento e dor. Neste último caso é comum chamar-se de região umbralina ou simplesmente *umbral*. Os bons espíritos habitam regiões superiores onde imperam o amor e a verdade; os *maus* espíritos, estado transitório, habitam locais mais próximos da convivência com os encarnados, onde imperam a desordem e a indiferença. Os bons se unem aos bons; os intelectuais aos intelectuais, os ociosos aos ociosos; semelhante atrai semelhante.

Os espíritos que fazem parte de uma mesma família espiritual têm oportunidade de se reunirem para traçar novos planos de reencontro numa nova encarnação. Os verdadeiros laços de família se fortalecem após a morte.

Alguns podem retornar, ainda desencarnados, e ajudar aqueles que ficaram. Outros não adquirem maturidade suficiente para tal e podem vir a atrapalhar seus entes queridos. Em geral, os espíritos se buscam pelas afinidades e realizam suas tarefas de acordo com suas motivações.

Os espíritos desencarnados continuam seu processo evolutivo independente da vida na Terra. No mundo espiritual há tantas oportunidades quanto na carne para o desenvolvimento integral. Muitas vezes, os mesmos espíritos que se dedicaram à tarefa de educar quando encarnados continuam seus investimentos após a morte do corpo.

As cidades astrais proliferam em redor da Terra numa multiplicidade muito grande, de acordo com os interesses de grupos de espíritos afins.

Tanto quanto encarnados, os espíritos trabalham e organizam-se politicamente, buscando a melhor forma de convivência face aos desafios da vida eterna, muito mais complexos do que os da etapa em que se acredita mortal. Na vida espiritual há trabalho, alimentação, lazer, aprendizagem, bem como ocupações as mais diversas possíveis. A vida espiritual, pela consciência da eternidade e da lei do retorno a novas encarnações, promove modificações profundas na forma de pensar e de agir do ser desencarnado. Suas perspectivas modificam-se tendo em vista a necessidade de rever comportamentos e planejar novas encarnações.

As cidades espirituais se espalham pela vizinhança em torno da Terra, dispondo-se em regiões próximas às populações dos encarnados, com as quais mantêm ligações físicas e psíquicas. Elas, geralmente, são fundadas à mesma época em que surgem as cidades dos encarnados.

O desenvolvimento das cidades espirituais erigidas por espíritos mais adiantados, mais evoluídos moral e intelectualmente, impulsiona a evolução da Terra, tendo em vista a reencarnação de seus habitantes com o fito de fazer evoluir a sociedade dos encarnados. Espíritos cada vez mais adiantados reencarnam, de tempos em tempos, trazendo seus conhecimentos e suas experiências adquiridas junto a grupos de espíritos mais evoluídos, preocupados com o crescimento espiritual na Terra.

O desenvolvimento espiritual e o progresso tecnológico na Terra é fruto e reflexo do desenvolvimento das cidades espirituais. As cidades terrenas são cópias materiais das cidades espirituais a que estão ligadas. Há espíritos mais adiantados, missionários a serviço dos condutores do processo de desenvolvimento espiritual da

Terra, que reencarnam trazendo novas idéias fomentando o progresso, a paz e a harmonia nas populações. Às vezes, surgem em comunidades atrasadas, superando as dificuldades de seu meio, fazendo revoluções que propiciam o crescimento social e espiritual da humanidade.

Os espíritos, quando desencarnados, têm uma vida social/espiritual de acordo com seus níveis de evolução. Reencarnam sempre em busca de novo aprendizado.

Página em branco

10. Mediunidade

Mediunidade é a faculdade que possibilita o ser humano colocar-se num estado alterado de consciência, permitindo-lhe manter comunicação psíquica com seres humanos, no mesmo ou em outros níveis existenciais. O termo é mais apropriado à comunicação entre espíritos, principalmente entre os desencarnados e os encarnados.

Todos os seres humanos possuem a mediunidade, sendo ela uma faculdade inerente à espécie. Todos, portanto, são médiuns. Costuma-se, no entanto, chamar-se de médium ao indivíduo que possua a faculdade de forma mais ostensiva, porém a mesma é um atributo do espírito, quer encarnado quer desencarnado. Doravante chamaremos de médium aquele que possua a faculdade de forma mais ostensiva. A mediunidade é, portanto, uma faculdade relacional, interdimensional, que predispõe o indivíduo ao contato consciente ou inconsciente com seus semelhantes em outros estados psíquicos, sem a utilização dos sentidos físicos.

O exercício da mediunidade requer estudo e aprimoramento, não sendo penoso ou sacrificial, mas exige disciplina, perseverança, interesse, paciência e amor.

Não é uma faculdade dos espíritas nem inventada pelo Espiritismo. Ela é inerente ao ser humano e está presente em várias práticas religiosas ou não. Nem sempre o exercício da mediunidade é feito no Espiritismo. Praticar a mediunidade não significa dizer-se espírita.

No Espiritismo, a faculdade é direcionada para a evolução espiritual do médium, e é praticada gratuitamente e de preferência no ambiente dos Centros Espíritas. Sua utilização se dá com o objetivo de demonstrar a continuidade da vida após a morte bem como para o esclarecimento do ser humano. Visa o desenvolvimento moral e espiritual do homem, bem como de sua sensibilidade psíquica, tornando-o mais apto à percepção dos diferentes estados de consciência e dos variados níveis espirituais.

A faculdade se desdobra em várias facetas, desde a simples eliminação de fluidos materiais próprios até as sutis comunicações mentais. A faculdade se exterioriza de duas formas distintas: através de manifestações físicas e de manifestações intelectuais. As primeiras se dão pela combinação de fluidos do médium com fluidos do espírito comunicante, e que alteram as condições ambientes, influenciando nas propriedades físicas da matéria. As segundas, mesmo com a ligação perispiritual, ocorrem na intimidade da mente do médium.

A mediunidade como faculdade inerente ao humano sempre esteve presente na história da humanidade e, de acordo com a época, foi tratada de diferentes formas. Os primitivos, embora não a compreendessem, utilizavam-na em suas práticas ritualísticas bem como no trato com o que consideravam sagrado.

Na Grécia antiga, bem como no Egito, os deuses, que mandavam suas mensagens através das pitonisas nos templos e oráculos eram, na realidade, espíritos que se comunicavam através da mediunidade e que se faziam passar por divindades face à crença comum da época.

Nos tempos antigos, os fenômenos provocados pelos espíritos eram tidos como maravilhosos, sobrenaturais e demoníacos, por desconhecimento das leis da vida, tão naturais quanto as leis físicas que, à medida que evoluía, o homem passou a perceber.

Foram esses fenômenos, por intermédio da mediunidade de indivíduos notáveis, que fizeram surgir, de tempos em tempos, em lugares diferentes, seitas, crenças e religiões. Em alguns casos, pelo desequilíbrio do médium e de seus seguidores, proporcionou o fanatismo religioso e a crença em idéias absurdas e inconseqüentes.

Durante muito tempo, principalmente na Idade Média e até recentemente, acreditou-se que a mediunidade era sintoma de loucura ou alienação psíquica. As pesquisas mais recentes a respeito da mente humana e a prática disseminada da mediunidade por indivíduos perfeitamente sadios e ajustados socialmente, demonstraram o contrário. A loucura ou alienação mental pode ocorrer por vários fatores. A mediunidade, tanto quanto qualquer outra causa, provocaria a loucura desde que houvesse predisposição psíquica para tal.

Na verdade, o que se vê é exatamente o contrário, isto é, pessoas que estavam à beira da loucura encontrarem alívio na prática da mediunidade e no Espiritismo.

Algumas religiões mais ortodoxas chegaram a proibir seu uso, inclusive invocando o texto bíblico como apoio à proibição. Porém só se proíbe o que é factível. Não se pode

proibir o que não existe, portanto a mediunidade é aceita como fato, mas não se admite sua prática. Se há mediunidade, há espíritos e se eles existem somos imortais. Mais dia menos dia as religiões estarão aceitando outras teses espíritas.

Muitos religiosos e místicos, das várias correntes, principalmente os chamados santos, eram médiuns que se comunicavam com os espíritos trazendo suas mensagens, muitas, na maioria das vezes, avançadas para a época.

Em várias oportunidades a mediunidade foi considerada produto da face oculta e desconhecida da mente, tal a ignorância que o homem tinha e ainda tem a respeito de seu próprio aparelho cerebral. Acreditavam alguns que tudo poderia se explicar através da telepatia. Queriam em verdade explicar algo desconhecido por outro fator também desconhecido. A mediunidade não está no cérebro, embora ele seja imprescindível a uma gama enorme de fenômenos. Sua base é o perispírito.

Foi no século XIX que a relação do homem com a mediunidade mudou. Vieram os fenômenos chamados de “mesas girantes”, que inundaram os salões europeus. Os espíritos se comunicavam movimentando mesas sem qualquer aparato especial, iniciando um movimento para uma maior compreensão da mediunidade. Inicialmente esses fenômenos eram utilizados como diversão ou em busca de adivinhações. Com o advento do Espiritismo, porém, as mesas passaram a ser utilizadas para o questionamento sobre a natureza do fenômeno bem como sobre vários aspectos da vida.

Na maioria dos casos o médium se encontra num estado alterado de consciência, em que a característica básica é a exteriorização de seu perispírito. O fenômeno

também pode se dar de tal forma sutil que nem sempre é percebido pelo médium.

Entretanto, nem tudo é produto dos espíritos. É preciso conhecer a mediunidade para discernir quando o fato vem ou não vem dos espíritos. Quando ocorrer um fenômeno que se possa atribuir a algum espírito, deve-se verificar se não há uma causa física conhecida antes de lhe atribuir causa espiritual, e esta deve ser suficientemente objetiva para não deixar dúvidas.

Pelo uso orientado nas práticas espíritas, a mediunidade tem sido um grande instrumento de terapia psíquica, pelo equilíbrio que proporciona aos médiuns que dela se utilizam de forma equilibrada.

Os espíritos se utilizam das faculdades mediúnicas dos médiuns graças ao perispírito e suas propriedades. Para que eles se comuniquem, necessitam dos fluidos dos médiuns, sem os quais não é possível estabelecer sintonia psíquica. Afinidade e sintonia são os meios pelos quais se estabelece a ligação psíquica entre o espírito comunicante e o médium. O médium deve estar acessível, voluntária ou involuntariamente, a essa ligação.

A mediunidade não depende de adereços, objetos metálicos, amuletos, vestes especiais, palavras cabalísticas, locais mágicos, rituais ou fórmulas. Não depende, embora em certos casos haja influência, do dia ou hora, tempo bom ou ruim, luz ou penumbra, tanto quanto da quantidade de pessoas para que ocorra. Não distingue idade, sexo, raça, crença, religião ou qualquer característica particular.

Em geral, dentre outros, são indícios da mediunidade ostensiva: a) inspiração aguçada; b) premonição de eventos; c) sonhos com mortos; d) sensibilidade apurada; e) visões; f) facilidade de entrar no estado *alfa*; g) sensações de

presenças “inexistentes”. Esses indícios melhor caracterizam o médium quando ocorrem simultaneamente.

O perispírito e as variações do Fluido Cósmico Universal, com suas propriedades, são os principais responsáveis pela grande maioria dos fenômenos mediúnicos. Os espíritos desencarnados deles se utilizam para se manifestarem trazendo suas mensagens, atestando a imortalidade da alma.

Nem sempre o médium está consciente durante a ocorrência do fenômeno mediúnico, fato que caracteriza a mediunidade dita inconsciente. É raro o médium inconsciente. Embora seja um instrumento mais maleável, os espíritos preferem os médiuns conscientes.

Para efeito de estudo, face à sua gama muito grande de variações, a mediunidade pode ser dividida em dois tipos: a) efeitos físicos (todos percebem independente do grau de sua mediunidade) e b) efeitos inteligentes (percepção exclusiva do médium que transmite a mensagem aos outros).

Como exemplo do primeiro tipo temos: materialização de espíritos ou objetos, escrita direta, voz direta, transfiguração, levitação, aparição, tiptologia, etc. Do segundo tipo temos: intuição, audiência, desdobramento, psicometria, psicografia, psicofonia, vidência (visão interna, independente dos olhos).

A mediunidade é uma faculdade que pode ser desenvolvida e vir a se tornar mais ostensiva com o exercício. Para melhor desenvolver a mediunidade deve-se: a) estudá-la metodicamente; b) fazer silêncio interior para *escutar* os espíritos; c) habituar-se ao recolhimento, à meditação e à oração; d) trabalhar em si mesmo para combater o orgulho, a vaidade e o egoísmo e adquirir a

humildade; e) não se afastar da convivência com pessoas ou grupos esclarecidos a fim de adquirir senso crítico sobre seu próprio desenvolvimento mediúnico, moral e espiritual.

A mediunidade pertence ao ser humano e seu fruto é de responsabilidade do médium. O produto e o objetivo que se obtenham a partir das manifestações dos espíritos dependerão do nível de evolução em que se encontrem bem como das intenções dos médiuns. A vida moral do médium exercerá influência na qualidade moral dos espíritos que o acompanham, bem como nas comunicações que recebe. Por esse motivo, as comunicações poderão ser fúteis, grosseiras, obscenas, instrutivas, elevadas, etc., dependendo do espírito comunicante.

Muito embora a mediunidade seja uma faculdade universal, o local mais adequado para seu exercício metódico é o Centro Espírita, não só pelo estudo que ali se faz, como também pela proteção espiritual proporcionada pelos bons espíritos.

Página em branco

11. Médiuns

Afirmamos que todos os indivíduos são médiuns, independente de sexo, idade, crença, raça, condição econômica, o que torna a faculdade inerente ao humano. Aqui nos deteremos naqueles que possuem a faculdade de forma mais ostensiva. Nesse sentido, ser médium é colocar-se entre dimensões da vida, servindo como intermediário para que se processe a comunicação entre níveis conscienciais.

Ser médium não garante a ninguém o poder de produzir qualquer fenômeno que implique na participação dos espíritos. Se os espíritos não o quiserem, não haverá produção de algum fenômeno mediúnico, a não ser aqueles oriundos do próprio médium. Neste último caso, o fenômeno é chamado de anímico.

Por afinidade os espíritos buscam comunicar-se utilizando médiuns que se lhes assemelhem no modo de pensar ou agir. Através da sintonia psíquica, ligam-se energeticamente àqueles que possuem fluidos compatíveis aos seus, para produzirem os fenômenos.

A rigor não há indícios precisos da existência da mediunidade ostensiva, porém pode-se estabelecer alguns

sinais típicos que sugerem sua possibilidade num indivíduo. Em geral, os médiuns ostensivos trazem alguns sinais, desde a infância ou adolescência, que podem ser percebidos como referentes à mediunidade. São sinais típicos:

- visões de parentes falecidos;
- labilidade emocional acentuada em desacordo com o padrão de conduta do indivíduo;
- pressentimentos que se tornam realidade;
- sonhos premonitórios;
- freqüentes sonhos com desencarnados;
- perturbações intermitentes não diagnosticadas;
- movimento ostensivo, em sua presença, de objetos sem causa aparente;
- facilidade em curar doenças em terceiros com ou sem indicação de remédios;

Esses indícios quando ocorrem isoladamente e com pouca freqüência não se configuram como mediunidade ostensiva. Sua ocorrência constante bem como a associação de pelo menos dois deles, pode denotar sua ocorrência.

Às vezes, o desabrochar da mediunidade provoca algumas perturbações na vida do indivíduo, justamente pelo inusitado dos indícios, bem como pela cultura preconceituosa a respeito, que desaparecem com o início do estudo e vinculação a um grupo espírita sério. O desenvolvimento da faculdade geralmente se dá também com o auxílio dos bons espíritos que *adotam* o candidato sério ao exercício da mediunidade, buscando orientá-lo, inspirando-o no estado de vigília ou durante o sono, quanto ao seu desempenho.

O próprio indivíduo, quando se inicia no estudo da faculdade, percebe em si sensações diferentes, bem como diálogos mentais que lhe asseguram a possibilidade de ser

portador da faculdade mediúnica. Há porém sensações e percepções que não devem ser atribuídas à faculdade mediúnica, mas tão somente à própria capacidade anímica humana. Só o estudo poderá fazer o indivíduo discernir entre o que lhe é próprio e o que vem dos espíritos. Assim mesmo não há produção mediúnica que dispense o concurso do médium e que não contenha características de sua personalidade.

Para se identificar a qualidade dos espíritos comunicantes, isto é, seu grau de adiantamento moral, deve-se atentar para o conteúdo elevado de sua produção bem como ao objetivo a que se propõe. Quanto mais elevado o espírito, maior qualidade terá sua mensagem e sua destinação pretenderá alcançar o maior número de pessoas. Costumam trazer mensagens de cunho geral e instrutivas, não só para o médium que a recebe em primeiro lugar, mas a todos que por elas sejam alcançados. Não basta que a mensagem seja atribuída a nomes veneráveis se seu conteúdo não lhes estiver a altura.

Os espíritos sérios se utilizam de médiuns responsáveis e que buscam seu aprimoramento intelectual e moral a fim de colaborarem com a tarefa de esclarecer e educar a humanidade, principalmente a respeito da existência da vida após a morte.

Via de regra a faculdade mediúnica mais ostensiva surge entre a infância e a adolescência, muito embora possa desabrochar em qualquer época da vida. Os sinais mais típicos se traduzem num desconforto para o indivíduo que, por desconhecimento, rejeita sua compreensão. O Espiritismo geralmente é procurado depois da peregrinação por médicos e psicólogos, quando a família não procura a

ajuda de práticas miraculosas e inconseqüentes, que às vezes, ampliam o problema.

No Espiritismo o médium, para desenvolver sua faculdade, no intuito de torná-la mais ostensiva ou mesmo para equilibrá-la, deverá buscar sobretudo o estudo, bem como sua participação num grupo sério a fim de conhecê-la e utilizá-la equilibradamente.

Nos Centros Espíritas sérios, as reuniões com essa finalidade levam seus participantes à compreensão do sentido e uso adequado da mediunidade. Há reuniões em que a mediunidade é importante instrumento para o equilíbrio terapêutico de espíritos desencarnados, cujo estado perispiritual e psíquico requerem o auxílio através de um médium. São as chamadas reuniões de desobsessão, onde o médium equilibrado desempenha importante papel no esclarecimento e auxílio energético aos espíritos infelizes desencarnados.

Os que participam de reuniões mediúnicas, quer como médiuns ostensivos, passistas, esclarecedores ou como assistentes, devem equilibrar seus pensamentos, permanecer em oração, buscando a sintonia com os bons espíritos a fim de que a reunião não se afaste de sua finalidade.

Há reuniões porém, cujo objetivo é o estudo e a pesquisa da mediunidade, onde ocorrem manifestações instrutivas, quer com a utilização de aparelhos, quer diretamente através dos médiuns, onde os espíritos, em conjunto com estudiosos encarnados, proporcionam os mais diversos fenômenos mediúnicos.

Em tais núcleos, as reuniões de intercâmbio mediúnicico são dirigidas por pessoas experientes em mediunidade e supervisionadas pelos bons espíritos desencarnados que assumem a tarefa do outro lado da vida.

Há reuniões mediúnicas de cura, de experimentação, de desobsessão, de desenvolvimento da mediunidade, de vibração e atendimento a distância, de produção de mensagens instrutivas, de produção artística, etc. O importante é sabermos que onde houver médiuns ostensivos poderá haver reuniões mediúnicas, o que dependerá também dos espíritos.

Face aos diferentes tipos de fluidos de que são portadores os médiuns, bem como às características de sua personalidade e a dos espíritos que por eles se comunicam, temos diversos tipos deles. Há os curadores, os psicógrafos, os psicofônicos, os de materialização, os videntes, os inspirados, os sensitivos, os audientes, os sonambúlicos, os de efeitos musicais, os vorsejadores, etc.

O bom médium é aquele que procura ser fiel à comunicação que recebe, buscando evitar ao máximo sua interferência no fenômeno. No momento da comunicação o médium poderá estar consciente ou inconsciente quanto ao teor da mensagem. Da mesma forma, poderá se situar quanto ao ambiente à sua volta, estando alheio ou não a ele. Em geral, os médiuns, durante as comunicações, encontram-se num estado alterado de consciência que limita sua focalização na realidade material.

No passado, antes do Espiritismo, os médiuns eram considerados adivinhos, profetas, evocadores de espíritos, xamãs, pajés, magos, sacerdotes, etc., conseqüência dos poderes que acreditavam possuir com exclusividade. Certamente alguns possuíam a faculdade mediúnica ostensiva, outros eram apenas aproveitadores da credulidade popular. Com o advento do Espiritismo, que veio esclarecer o homem quanto à mediunidade, o médium passou a ter posição de destaque, às vezes recebendo

privilégios que podem prejudicar o bom desempenho de seu exercício. Não se deve dar tratamento especial aos médiuns, mas, sim, o mesmo que se dispensa a qualquer pessoa. No Espiritismo, não há posição de destaque nem hierarquia que possa colocar o trabalhador da mediunidade em posição de superioridade a qualquer outro.

Muitos médiuns nascem com a faculdade ostensiva como forma de aprendizado, educando-se no seu desempenho. Vêm com a missão de prestar auxílio a espíritos sofredores do outro lado da vida e de servir como intérpretes dos bons espíritos trazendo mensagens de consolo e orientação.

12. Obsessão

Como muitas afecções humanas, as obsessões são tão antigas como a própria humanidade, atingindo todas as classes sociais e indivíduos, sem qualquer distinção.

Este é um capítulo especial no tocante à existência da mediunidade, pois retrata os prejuízos decorrentes das emoções desarmonizadas quando associadas a ela. Antipatias, paixões violentas e ódios são vilões no processo que desencadeia a obsessão, ligando os protagonistas muitas vezes por várias encarnações, em que se revezam entre agressor e agredido.

A obsessão é a influência que um espírito consegue obter sobre um indivíduo, desejando dominá-lo. Considerando que todos somos médiuns, todos estamos sujeitos a ela. Os espíritos que assim procedem pertencem a uma categoria moralmente inferior. Ela pode ocorrer de encarnados para desencarnados, como também ao contrário.

Muitos comportamentos humanos são via de regra ditados pelas influências que os espíritos desencarnados exercem. Muitas vezes eles dirigem as ações humanas sem que se aperceba, pela sua sutileza e pela ausência de conhecimento em se distinguir distintas origens de idéias.

Não se tem o hábito de tentar distinguir quando as idéias nos pertencem de quando elas vêm dos espíritos.

Invariavelmente todos estamos sujeitos à influência dos espíritos, não existindo portanto quem não lhes tenha sofrido uma obsessão. Médiuns, por mais experientes que sejam, também estão sujeitos a sofrer-lhes a influência. As obsessões não são um problema do Espiritismo, mas da humanidade, pois todas as pessoas podem sofrer a influência dos espíritos.

Allan Kardec estabelece uma classificação, de acordo com a intensidade da influência dos espíritos, que nos permite entender melhor a obsessão. Para ele a obsessão pode ser: simples, fascinação ou subjugação.

São fatores que predispõem à ocorrência das obsessões: os vícios, a instabilidade emocional, as necessidades expiatórias (processos cármicos educativos), as disputas de poder ou de bens materiais, invejas prejudiciais, ciúmes doentios, calúnias e traições veladas, o orgulho, o egoísmo, a vaidade, bem como toda atitude que leve prejuízo aos outros. Muitas vezes, as obsessões se iniciam na intimidade do lar, quando os relacionamentos se tornam conflitantes trazendo desequilíbrio à família.

Os espíritos que pretendem obsidiar alguém irão procurar alcançar a pessoa através de um desses fatores, ligando-se a ela pela sua estrutura mental, buscando inserir-se nas idéias de sua vítima. Tanto quanto as idéias, as emoções são fatores de ligação com os desencarnados. Psicologicamente falando, é pelos complexos que as obsessões ocorrem. Os complexos de culpa, inferioridade, superioridade, de poder, etc., são núcleos emocionais que possibilitam as influências espirituais. Junto a eles, as

paixões e ódios respondem pelos mecanismos de ligação nas obsessões.

A obsessão simples se caracteriza pela interferência da vontade de um espírito sobre o indivíduo sem que isto implique num domínio sobre sua personalidade. Geralmente esse tipo de obsessão interfere momentaneamente no senso crítico e no discernimento do obsidiado, provocando-lhe, às vezes, certo constrangimento. Às vezes, de forma não intencional, espíritos desencarnados, familiares, costumam, pela sua presença junto aos que permanecem encarnados, provocar obsessões involuntárias. Nesse contato, quando prolongado, os desencarnados não só recebem os fluidos dos encarnados como também transmitem os seus e, às vezes, a doença ou problema que lhes causou a desencarnação transfere-se de forma sutil.

A fascinação é um grau mais sério de obsessão face à ilusão que é provocada em sua vítima paralisando-lhe por vezes o raciocínio. A pessoa fascinada não acredita que esteja enganada a respeito de determinados assuntos, expondo-se, por vezes, ao ridículo, confiando cegamente em idéia que acredita ser sua, porém, é oriunda de um espírito inferior moralmente. Essa ilusão pode levar o indivíduo não só ao ridículo como a situações comprometedoras e até perigosas. Às vezes esse tipo de obsessão, por ser mais sutil, provoca mais inconvenientes que a subjugação.

Na subjugação, por vezes, ocorre alteração quase que completa no senso crítico e no discernimento lógico-emocional do obsidiado. Nesse estado sua vontade é afetada, suas idéias são contaminadas e prejudicadas do

ponto de vista do senso coletivo. Muitas vezes a fascinação é um componente da subjugação.

Na subjugação ocorre não só o domínio sobre as idéias e o comportamento moral do obsidiado como também o constrangimento físico. Nesse tipo de obsessão geralmente o espírito consegue, por algum tempo e quase que totalmente, o domínio sobre o organismo do obsidiado. Por vezes, esse processo leva pessoas, por disposições cármicas, a internações em instituições psiquiátricas com os mais diversos diagnósticos, submetendo-se a terapia medicamentosa muitas vezes inócua na erradicação das causas.

Essa classificação não é estanque, pois as sutilezas dos processos de influência espiritual variam ao infinito. Muitas vezes não se consegue enquadrar o estado de obsessão de uma pessoa exatamente por causa dos fatores interferentes. Via de regra não há uma obsessão igual a outra.

Face à característica de ser uma ação persistente, nem sempre se torna fácil sua erradicação ou a solução de um conflito que envolve dois ou mais espíritos. Emoções desequilibradas, enraizadas, às vezes, por várias encarnações, não se resolvem em breve tempo, exigindo dedicação, parcimônia e amorosidade.

As emoções e a vontade geram pensamentos que, por sua vez, mobilizam energias sutis em torno do indivíduo, o que atrai companhias espirituais diretamente sintonizadas com seu teor. Essa mobilização de energias chama-se vibração, que estabelece o estado psíquico de cada um situando o indivíduo numa dimensão espiritual característica.

Não é o Espiritismo tampouco a faculdade mediúnica que provoca a obsessão, mas a vontade e os interesses humanos, quer de desencarnados quer de encarnados, que, por inferioridade moral, relacionam-se de forma a causarem sofrimento mútuo.

Por viverem numa dimensão mais fluida, sutil e quintessenciada, e lidarem com energias suscetíveis ao pensamento, costumam, os espíritos que obsidiam, utilizar-se de técnicas hipnóticas e magnéticas para atingir suas vítimas.

Quando muito prolongada, a obsessão provoca desordens psíquicas sérias, não só requerendo a terapêutica espiritual como também, às vezes, acompanhamento médico e, principalmente, psicológico.

Página em branco

13. Desobsessão

Desobsessão é o nome de um conjunto de técnicas utilizadas no Espiritismo com o intuito de eliminar as causas bem como os efeitos das obsessões. Sua fundamentação está concentrada na transformação moral dos personagens envolvidos no processo.

Buscando atingir o obsidiado e o obsessor, o Espiritismo, com suas técnicas, reúne ambos muitas vezes levando-os a relembrem o passado a fim de se reconciliarem no presente e quanto ao futuro.

As técnicas usuais no Espiritismo são: a prece, o esclarecimento doutrinário, o passe, o evangelho no lar, a água fluidificada, atendimento fraterno, o engajamento em tarefas caritativas, o atendimento espiritual ao desencarnado, etc. Essas técnicas não eximem o obsidiado da necessidade de buscar a autodesobsessão através do esforço na sua própria transformação moral, condição fundamental para o sucesso que pretende obter.

Na autodesobsessão o obsidiado é convidado ao pensamento reto, ao equilíbrio das emoções, à meditação, ao trabalho cotidiano, bem como a evitar os vícios e tudo que provoca instabilidade emocional. Nesse sentido, ele é

aconselhado a buscar atitudes comportamentais que o levem ao equilíbrio psico-emocional. É-lhe sugerido não desejar nem pensar contra alguém, pois o pensamento tem força e é ação nele mesmo, atraindo e imantando os que sintonizam entre si.

A prece é recomendável pela sua eficácia na mudança de atitude mental do obsidiado, bem como por mobilizar forças positivas em seu favor, atraindo o auxílio espiritual necessário. A prece é luz na alma para que se clareie o caminho do crescimento espiritual do obsidiado. Orar é um alimento para o espírito, pois renova-lhe as energias e amplia sua esperança e confiança no futuro e em seu processo de cura. Os espíritos amigos melhor inspiram o obsidiado a encontrar seu próprio caminho, bem como a buscar as soluções de seus problemas, durante os momentos de oração de seus tutelados.

O esclarecimento doutrinário se baseia nos princípios básicos do Espiritismo bem como no evangelho de Jesus. A pessoa que sofre algum tipo de obsessão é orientada a assistir as reuniões públicas no Centro Espírita, de esclarecimento e orientação moral, onde apreenderá novos conceitos sobre a vida e sobre a realidade espiritual. Enquanto assiste às reuniões, espíritos ligados aos trabalhos de desobsessão da instituição, estarão auxiliando os desencarnados que porventura estejam acompanhando o obsidiado, bem como inteirando-se dos aspectos relacionados à sua vida. Muitas vezes, naquele momento, deslocam-se à residência do obsidiado, inteirando-se da problemática familiar, a fim de obterem dados que possibilitem uma melhor compreensão de seu drama.

O passe é transferência de energias positivas e curativas em favor do obsidiado e do obsessivo. A energia

do passe atinge o corpo físico e o espiritual de seu receptor, promovendo-lhes o equilíbrio energético atingido pela relação desarmonizada entre os personagens.

O Evangelho no Lar é uma atividade recomendada a fim de se atingir o ambiente físico e espiritual em que vive o obsidiado. Com sua realização, beneficiam-se a família, os vizinhos e os espíritos que ali vivem. Realiza-se reunindo o máximo de familiares em torno da leitura e comentários breves de uma página de elevado conteúdo moral, criando-se um clima de equilíbrio, paz e harmonia. À semelhança do que ocorre nas reuniões públicas, os espíritos encarregados da desobsessão irão auxiliar encarnados e desencarnados presentes visando o restabelecimento da harmonia psíquica do lar.

A água fluidificada é recomendada ao obsidiado a fim de lhe renovar as energias físicas e perispirituais. É sugerido ao obsidiado que leve ao Centro Espírita um recipiente com água a ser energizada fluidicamente, onde é feita a magnetização curadora, durante as reuniões, a fim de ser por ele tomada em casa.

O atendimento fraterno é terapia proporcionada por trabalhadores encarnados em auxílio ao obsidiado, através de conversa amigável visando o aconselhamento e a percepção de seu próprio processo. Nesse atendimento, o trabalhador do Centro, estando consciente do problema do obsidiado, infunde-lhe otimismo, esperança e confiança em Deus. Informando-lhe o valor do perdão, convida-o a sintonizar com a paz e o amor ao próximo.

O engajamento em tarefas caritativas significa o convite ao obsidiado a participar de trabalhos vinculados à caridade no Centro Espírita, tais como: visitas a

necessitados, distribuição de gêneros a carentes, auxílio em tarefas no Centro, que estejam a seu alcance, etc.

O atendimento ao desencarnado é feito internamente nas reuniões de auxílio espiritual em que o esclarecimento é dado aos espíritos vinculados ao processo obsessivo. Essas reuniões, via de regra, são feitas na ausência do obsidiado, tendo em vista, muitas vezes, seu desconhecimento em relação à mediunidade e pela natureza e complexidade das manifestações mediúnicas. O obsidiado nem sempre está em condições psicológicas de lidar com o conteúdo e as vibrações de certas comunicações. Durante o sono do encarnado, é comum sua saída do corpo físico e conseqüente ida, em corpo perispiritual, ao Centro Espírita para reuniões proporcionadas pelos espíritos mentores encarregados da tarefa da desobsessão. Ali são feitas regressões de memória em que os protagonistas são levados ao encontro para entendimento em relação à causa passada que deu origem ao problema.

As técnicas de desobsessão, quando executadas em seu conjunto, costumam proporcionar alívio ao obsidiado e, com o tempo, resolver o conflito que o afligia. Isoladamente nem sempre surtem o efeito desejado, pois, as técnicas utilizadas nas obsessões são, por vezes, sutis e complexas, requerendo um esforço conjunto a fim de lhes eliminar a ação persistente.

Fundamental é entender que a desobsessão deve ser feita educando ambos, encarnado e desencarnado, pois se apenas um deles for esclarecido, o outro estará disponível para a ocorrência de nova obsessão. Afastar o desencarnado certamente atrairá outro, face à predisposição que o encarnado estará sujeito. A reforma moral apenas do encarnado resolve seu problema, porém permite que o

desencarnado continue tentando agredi-lo ou venha a fazer o mesmo com outro que lhe sintonize o desequilíbrio. Onde houver obsessão pode-se dizer que há vários personagens envolvidos merecendo o ajuste de todos.

No trato das obsessões os exorcismos são inoperantes, pois os espíritos não se deixam influenciar por fórmulas, rituais ou pelo cargo do “exorcista”, mas sim pela sua autoridade moral.

A terapia espírita é não só curadora como profilática, pois recomenda ao obsidiado permanecer vinculado ao bem e à paz, em cujo estado interior inibe a vinculação a espíritos infelizes desencarnados.

Página em branco

14. As Leis de Deus

A ação de Deus no universo se dá por intermédio de leis que atuam de forma harmônica e constante, cuja intervenção é confundida como sendo do próprio Deus. Seu funcionamento não depende da crença nem das ações humanas. São leis gerais, universais e sempre ocorreram em todas as épocas da evolução. Não privilegiam nem elegem ninguém com exclusividade. Não pertencem ao Espiritismo ou a qualquer sistema criado pelo homem. São leis da natureza, não estando sujeitas ao homem nem às suas concepções transitórias.

Não se fundamentam em nenhum princípio particular, salvo no Amor, cuja compreensão nem sempre é alcançada pelo ser humano. Não são inflexíveis nem fatalistas, sendo, sobretudo, misericordiosas. Não obedecem a lógica humana pois esta é apenas uma forma de entender a divina.

No passado, foi confundida como manifestação do sobrenatural, disseminando o medo e o temor, depois foi confundida com a justiça e seus atributos humanos, mais tarde como fatalidade causalista. Hoje, graças ao Espiritismo, alcança a concepção de lei de harmonia, onde tudo se destina à evolução e ao equilíbrio.

São leis que o homem aos poucos vai percebendo durante suas vidas sucessivas e incorporando seus princípios a cada nova encarnação. Aos poucos vai perdendo seus temores e medos, suas culpas e preconceitos e internalizando o aprendizado que aquelas leis lhe proporcionam.

Muitas vezes, por conta de seu nível primário de evolução, o homem se relaciona com Deus buscando obter vantagens pessoais, porém nem sempre recebe aquilo que pede. Não percebe ele que as respostas aos seus pedidos vêm através das leis de Deus, que lhe dá aquilo que precisa considerando sua evolução espiritual. Se está escrito “pedi e obtereis” está também escrito que “a cada um segundo suas obras”. É preciso querer, saber querer e merecer para se obter o que se pede.

As leis de Deus atuam de forma imperceptível para a grande maioria dos espíritos. Alcançam-nos quando menos esperamos e de forma bastante sutil. É preciso “ter olhos de ver” e “ouvidos de ouvir”, a fim de melhor entender os mecanismos de atuação das leis de Deus.

A evolução do espírito consiste em aprender as leis de Deus no decorrer de sua caminhada, ao longo das vidas sucessivas. À essência espiritual só chegam as leis, isto é, na singularidade do espírito só existe o conhecimento das leis. Nem o mal nem acessórios, mas só o amor, o puro amor.

Por mais que os homens façam sua justiça e tenham sua forma de estabelecer méritos, as leis de Deus sempre exercem a verdadeira justiça e dão a cada um segundo suas necessidades educativas. Mesmo que um espírito saia de uma encarnação incólume em relação à justiça dos homens, as leis de Deus irão, um dia, alcançá-lo no devido tempo

para que venha a educar-se. Este é o objetivo final da atuação das leis de Deus: a educação do espírito, isto é, seu conhecimento dessas mesmas leis.

São naturais essas leis pois não foram criadas nem inventadas pelos homens, que lhes deram muitos nomes, sem no entanto modificar sua eficácia. Elas não são mutáveis como as leis promulgadas pelas assembleias humanas. Existem e sempre existirão, qualquer que seja o nome que se lhes dê.

Não obedecem à moral dos homens, que se modifica de tempos em tempos. São eternas e imutáveis e visam o equilíbrio e a evolução universais. Não obedecem aos preceitos erigidos pelos homens nas suas mais diversas manifestações religiosas. Não são morais no sentido tradicional e conservador, mas leis de amor, paz e harmonia. Visam o bem e a felicidade, e não a punição.

Sua atuação é no sentido de educar e fazer crescer, não se prestando a perseguir ou atender a desejos humanos de vingança. O bem e o belo é parte integrante dos parâmetros das leis, bem como a elevação moral e espiritual da humanidade.

Os homens percebem melhor as leis de Deus de acordo com os níveis evolutivos em que se encontram. Quanto mais atrasado for na escala evolutiva, atribuirá as ocorrências de sua vida ao acaso, à sorte ou ao azar. Sentir-se-á à mercê do imponderável e do destino que considera, quando adverso, absurdo.

Quanto mais evoluído, mais percebe as leis como instrumentos de vida e de felicidade. Entende seus mecanismos e os utiliza em sua vida. Preocupa-se em transmitir aos outros seu entendimento das leis e encarrega-se de auxiliá-los em suas jornadas.

O universo parece *conspirar* a favor do homem na medida em que ele compreende melhor as leis de Deus. As coisas e pessoas são percebidas de forma clara e mais profunda. Compreender essas leis representa uma importante aquisição para a evolução do espírito. Mesmo as adversidades são encaradas como ocorrências importantes e valiosas ao espírito. São fontes de aprendizado em relação ao funcionamento das leis. São encaradas com alegria e otimismo face à sua função educativa.

À medida que o espírito conhece as leis, sintoniza mais com o bem e com o amor. Seu olhar sobre as coisas se modifica, seus sentimentos se elevam, sua vida se torna mais plena e prazerosa. Ele se sente mais integrado ao divino, estabelecendo diálogo constante com Deus.

Esse diálogo é direto e representa a certeza de Deus internalizado pelo homem. Ele percebe Deus em si mesmo e se sente integrado às coisas, às pessoas, à vida e ao universo.

O sentido da vida é também aprender a reconhecer sentimentos e a lidar com emoções, pois estas, como aqueles, é que são responsáveis pelos pensamentos e, conseqüentemente, pelas ações humanas. Nessa caminhada de aprendizado das leis de Deus o homem vai aos poucos descobrindo suas próprias emoções bem como a noção interior de bem que possui. Esse sentido interior para o bem e para o amor é-lhe inerente e deve ser descoberto para ser colocado a serviço de sua própria evolução, sendo ao mesmo tempo uma descoberta e uma ferramenta a ser colocada em prática, tornando-se imprescindível à evolução espiritual.

Percebe o quanto é efêmero o corpo, o quanto são insignificantes o egoísmo e o orgulho diante da grandeza da

vida e de Deus. Reconsidera sua vida e busca o conhecimento ainda maior das leis de Deus bem como sua aplicação cotidiana.

Não basta conhecer as leis. É preciso vivenciá-las constantemente. Essa vivência requer um preço cuja realização se dá através das vidas sucessivas, exigindo renúncia e abnegação. Ao espírito que aspira alcançar a plenitude, qualquer preço será pequeno face à recompensa futura. Sabendo-se conduzido por Deus, não haverá preço que não se possa pagar.

O Espiritismo vem revelar aos homens a importância de leis que não foram por ele inventadas, mas que sempre existiram e são imprescindíveis à compreensão de Deus e ao entendimento do sentido da vida.

Página em branco

15. Trabalho e Progresso

A evolução se processa pelo trabalho que o homem exerce durante suas sucessivas encarnações. É desempenhando os mais diversos papéis sociais que vai aos poucos incorporando as leis de Deus. O trabalho que ele exerce é o meio eficaz para que apreenda o sentido da vida.

O progresso social só é possível através do trabalho e o homem é o meio e o fim de seu próprio trabalho, o qual é uma atividade necessária ao homem, portanto obrigatória para seu progresso moral. Não só as atividades materiais podem ser consideradas como trabalho, pois toda atividade útil o é.

O trabalho, além de se constituir numa necessidade e um meio de desenvolver a própria inteligência do homem, é também a forma dele participar da obra de Deus.

Nos mundos mais adiantados, os espíritos também trabalham e sempre de acordo com suas necessidades. Quanto mais grosseiras sejam elas, mais material é o trabalho que executam. Não há ociosidade no universo, nem existe paraíso de inatividade.

O trabalho é inerente ao ser humano, mesmo àqueles que materialmente não precisam dele para seu sustento, têm

a obrigação de ser úteis à sociedade. Quando mais aquinhado que os outros, têm obrigação de fazer o bem com os meios de que dispõem.

As desigualdades sociais existentes são resultantes do estágio primário de evolução em que ainda se encontra a humanidade. Além da carência de empregos, observa-se o desnível de renda e a miséria ainda presente na maioria das sociedades humanas. Só quando o egoísmo e o orgulho, maiores empecilhos ao progresso, frutos do materialismo, não mais encontrarem lugar na humanidade, ela poderá alcançar um estágio melhor.

Os sistemas sócio-econômicos que vigoram na Terra ainda se baseiam na supremacia do capital sobre o trabalho humano bem como na preponderância da matéria sobre o espírito. Quando o espiritualismo, em particular o Espiritismo, chegar à consciência do homem, este encontrará o equilíbrio necessário ao seu progresso social e espiritual.

Para trabalhar, o homem sai em busca de profissões motivado pelo ganho financeiro com que elas possam lhe retribuir, muitas vezes esquecendo-se de sua vocação e de suas necessidades evolutivas. Qualquer profissão é digna e o fruto de seu trabalho deverá concorrer não só para um ganho pessoal como para o progresso social.

Se na Terra o homem não trabalhasse, viveria no estado de barbárie, incompatível com o progresso que lhe é inevitável. Voltar a viver como os primitivos habitantes do planeta, sob o pretexto de que é a situação que induz a menos necessidades, é o mesmo que adotar a felicidade do bruto considerando-a plena por não conhecer a verdadeira felicidade.

Não é possível ao homem involuir, da mesma forma que não é factível que a sociedade retorne ao estado primitivo. Tanto quanto o homem, a sociedade sempre evolui para um estágio mais avançado de progresso.

O contato social é imprescindível ao progresso da humanidade, não sendo possível uma civilização evoluir sem o convívio com outras mais adiantadas.

Nem sempre o progresso intelectual significa ter atingido o progresso moral, mas muitas vezes um decorre do outro. Com a evolução, eles se equilibram.

Em que pese ser de forma lenta, a humanidade caminha para o progresso melhorando-se a cada dia. Hoje o homem vive melhor que no passado, tanto no sentido material como no espiritual. O progresso é portanto inevitável e inexorável.

Assim como os homens, a humanidade evolui atravessando fases, desde a infância, passando pela idade adolescente, até alcançar a maturidade. As culturas que não se baseiam na força nem na conquista de poder e território, servem de exemplo para outros povos, por que certamente estarão pregando o bem e a caridade cristã como modelo de vida.

As sociedades produzem suas leis visando erradicar o mal, no entanto, elas são punitivas e só atuam depois de sua ocorrência. O progresso social só se dá pela educação que dispensa leis rigorosas.

O Espiritismo, em continuidade ao cristianismo, edifica os alicerces de uma nova civilização calcada no espírito, mostrando ao homem o valor do bem e da caridade, o amor ao próximo e a verdadeira justiça. As teses espíritas estão marcando o nosso século, transformando a humanidade, destruindo o materialismo.

“Não basta se diga ao homem que lhe corre o dever de trabalhar. É preciso que aquele que tem de prover à sua existência por meio do trabalho encontre em que se ocupar, o que nem sempre acontece. Quando se generaliza, a suspensão do trabalho assume as proporções de um flagelo, qual a miséria. A ciência econômica procura remédio para isso no equilíbrio entre a produção e o consumo. Mas, esse equilíbrio, dado seja possível estabelecer-se, sofrerá sempre intermitências, durante as quais não deixa o trabalhador de ter que viver. Há um elemento, que se não costuma fazer pesar na balança e sem o qual a ciência econômica não passa de simples teoria. Esse elemento é a educação, não a educação intelectual, mas a educação moral. Não nos referimos, porém, à educação moral pelos livros e sim à que consiste na arte de formar os caracteres, à que incute hábitos, porquanto a educação é o conjunto dos hábitos adquiridos. Considerando-se a aluvião de indivíduos que todos os dias são lançados na torrente da população, sem princípios, sem freio e entregues a seus próprios instintos, serão de espantar as consequências desastrosas que daí decorrem? Quando essa arte for conhecida, compreendida e praticada, o homem terá no mundo hábitos de ordem e de providência para consigo mesmo e para com os seus, de respeito a tudo o que é respeitável, hábitos que lhe permitirão atravessar menos penosamente os maus dias inevitáveis. A desordem e a imprevidência são duas chagas que só uma educação bem entendida pode curar. Esse o ponto de partida, o elemento real do bem-estar, o penhor da segurança de todos.” *Allan Kardec*.

“A civilização, como todas as coisas, apresenta gradações diversas. Uma civilização incompleta é um estado transitório, que gera males especiais, desconhecidos

do homem no estado primitivo. Nem por isso, entretanto, constitui menos um progresso natural, necessário, que traz consigo o remédio para o mal que causa. À medida que a civilização se aperfeiçoa, faz cessar alguns dos males que gerou, males que desaparecerão todos com o progresso moral. De duas nações que tenham chegado ao ápice da escala social, somente pode considerar-se a mais civilizada, na legítima acepção do termo, aquela onde exista menos egoísmo, menos cobiça e menos orgulho; onde os hábitos sejam mais intelectuais e morais do que materiais; onde a inteligência se puder desenvolver com maior liberdade; onde haja mais bondade, boa-fé, benevolência e generosidade recíprocas; onde menos enraizados se mostrem os preconceitos de casta e de nascimento, por isso que tais preconceitos são incompatíveis com o verdadeiro amor do próximo; onde as leis nenhum privilégio consagrem e sejam as mesmas, assim para o último, como para o primeiro; onde com menos parcialidade se exerça a justiça; onde o fraco encontre sempre amparo contra o forte; onde a vida do homem, suas crenças e opiniões sejam melhormente respeitadas; onde exista menor número de desgraçados; enfim, onde todo homem de boa-vontade esteja certo de lhe não faltar o necessário.” *Allan Kardec*.

Página em branco

16. Liberdade e Igualdade na Sociedade

A vida em sociedade é um progresso para o homem pois lhe trouxe a percepção de si mesmo e desenvolveu-lhe o sentido de fraternidade. O isolamento é contrário à lei de Deus, pois torna o homem mais egoísta, embrutecendo-o. O isolamento temporário, quando feito para melhor servir a humanidade, é meritório.

Os laços de família são necessários ao progresso da humanidade, pois aproximam os homens, educando-os ao amor legítimo. A quebra dos laços de família aumentaria o egoísmo.

A liberdade é um direito natural do homem e sua internalização representa importante aquisição para a evolução. Seu uso na sociedade representa uma conquista cuja conseqüência é a responsabilidade. No exercício da liberdade, o homem adquire as noções de direito e dever para com a própria sociedade.

Muito embora na sociedade predominem as desigualdades sociais, fruto do nível primário de evolução em que se encontra, todos os homens são iguais perante

Deus, sem qualquer tipo de distinção, pois têm o mesmo destino: alcançar a felicidade. A diversidade de aptidões decorre das diferentes experiências que cada um teve ao longo de suas vidas sucessivas. Todos foram criados simples e ignorantes quanto às leis de Deus, mas criados em épocas distintas e viveram diferentes experiências nos vários mundos. Porém, as diferentes condições sociais que se apresentam são obra do homem que ainda vive mais a vida material que a espiritual. A desigualdade de riquezas é fruto tanto da diversidade de aptidões como também da cobiça e do egoísmo ainda reinantes na Terra. À medida que o homem evolui, ele elimina as diferenças sociais.

A riqueza e a pobreza são provas idênticas para o homem, pois ambas se destinam a que adquiram experiências. Enquanto a riqueza ensina-o a saber administrar seus talentos e a não cometer excessos, a pobreza convida-o à resignação e a não se queixar da providência divina. Algumas vezes são provas escolhidas pelos próprios espíritos. Mais facilmente a riqueza e o poder aproximam o homem das paixões e do egoísmo que o prendem a matéria, afastando-o do progresso espiritual.

Todos os homens são iguais perante as leis sociais e espirituais. Deus os fez espíritos com as mesmas possibilidades de evoluir. Tanto homens quanto mulheres são espíritos e têm os mesmos direitos e deveres.

A liberdade é também um direito natural, a qual porém não é possível de uma forma absoluta. Desde que se relacione o homem com seu semelhante, sua liberdade se restringe pela necessidade de reconhecer direitos recíprocos.

A escravidão, bem como toda forma de trabalho forçado, é contrária à lei de liberdade, pois degrada física e

moralmente o homem. Mesmo que fosse permitida legalmente, revelaria apenas o atraso moral da sociedade.

A superioridade que certas raças se atribuíram sobre outras identifica o atraso em que se encontra a humanidade. A diversidade de aptidões entre raças, resultado da experiência, serve para que as mais experientes auxiliem as mais novas sem que as escravize.

O homem tem liberdade de pensar, não estando sujeito a qualquer tipo de censura. Seus pensamentos estão submetidos apenas ao crivo de Deus. A liberdade de pensamento é o mais alto grau confiado ao ser humano.

A liberdade de crença é também um direito do homem, sendo apenas condenável a crença que o leve ao declínio moral. Fora desse objetivo, toda crença é respeitável, e deve o homem ser estimulado a buscar algo em que crer, que o leve ao crescimento espiritual. Não se deve impor convicções a ninguém, mas respeitar-se o direito e a liberdade do outro em pensar e crer de modo diferenciado.

O homem é dotado do livre-arbítrio, que lhe permite fazer escolhas que o levam ao crescimento espiritual. Tais escolhas podem lhe trazer como consequência expiações ou não, porém sempre o colocarão diante de provas inevitáveis. O livre-arbítrio é aquisição do período em que o espírito conquistou a razão. Na fase anterior, vivia sob o predomínio do determinismo, seguindo sem consciência de seu destino nem das aquisições que fazia na evolução.

Quanto maior a evolução de um espírito, mais livre ele é para fazer suas escolhas e realizar seu destino, também mais responsável se torna pelas consequências de seus atos. Não há liberdade sem responsabilidade.

Não há fatalidade a não ser o progresso, pois o determinismo é flexível ao bem e ao amor. As escolhas que o espírito fez numa encarnação serão determinantes para o grau de liberdade que venha gozar nas seguintes. Embora morrer seja uma fatalidade a que todos estão sujeitos, face às condições do corpo físico, o instante da morte porém não está fixado de forma inflexível. O espírito, de acordo com as provas que necessite passar, poderá ter esse momento adiado ou antecipado por circunstâncias que lhe escapem à vontade.

Só há fatalidade nos atos que são provocados por agentes externos ao homem, dos quais não participa seu livre-arbítrio. São provas a que está sujeito cuja vontade lhe é submissa.

As provas a que o homem está submetido visam dar-lhe a responsabilidade sobre suas ações, bem como a desenvolver-lhe a noção de liberdade.

A teoria de que todos estamos sujeitos a um destino predeterminado depõe contra a liberdade de escolha e transforma os homens em máquinas, sem responsabilidade pelos seus atos nem méritos pelos sucessos que venham conquistar. Embora sujeito às provas e expiações, estas decorrentes de escolhas anteriores, não perde o homem seu livre arbítrio, pois pode, às vezes, tanto recuar das provas quanto adiar expiações.

O Cristo foi o protótipo do homem livre, pois, não só não se submeteu a ninguém, como seus atos não provocaram qualquer prejuízo a si ou a outrem. Sua liberdade vinha da noção precisa das leis de Deus bem como da consciência plena do significado do Bem e do Amor.

A liberdade implica em respeito ao direito do outro bem como a consciência das conseqüências dos próprios atos. O exercício da mensagem do evangelho de Cristo possibilita a que alcancemos a condição de espíritos com consciência plena da noção de igualdade, liberdade e da importância de se viver bem em sociedade. O conteúdo dessa mensagem está presente nas grandes religiões da humanidade, possibilitando a todos o alcance da felicidade.

Página em branco

17. Natureza, Conservação e Destruição - Ecologia

A natureza é o ambiente em que o espírito exerce o aprendizado necessário à sua evolução. Cuidar desse ambiente é fundamental ao progresso e à continuidade das gerações futuras. O homem não deve apenas cuidar do meio ambiente externo, mas também da outra metade do ambiente que é o interno. Melhorar a Terra como também seu mundo interior. São os dois mundos em que transita, dos quais o espiritual é inerente e inseparável.

Cabe ao homem, pelo seu grau de inteligência em relação aos seres vivos, transformar harmonicamente a natureza buscando seu equilíbrio e sua manutenção. Ele é o senhor da natureza pois é o único que pode alterá-la radicalmente.

A globalização inexorável na humanidade ampliou o alcance das ações humanas, possibilitando que se busque cada vez mais formas de sustento e desenvolvimento. O homem domina a tecnologia nuclear, porém, dado seu

atraso moral, utilizou-a para ferir e conquistar. O uso da energia nuclear é um avanço para a humanidade, porém deve ser utilizada para fins pacíficos face à esgotabilidade dos recursos naturais disponíveis. Manipulá-la exige cautela e cuidados especiais, pois é extremamente poderosa, podendo trazer prejuízos se mal utilizada. Seu uso deixa resíduos tóxicos de difícil eliminação, requerendo tecnologia especial para seu armazenamento.

A energia nuclear não só é prejudicial ao corpo humano e ao meio ambiente, mas também agressiva ao perispírito. Seu poder atinge a intimidade da matéria sutil do perispírito, alterando-lhe a vibração e provocando distúrbios perispirituais.

Imprescindível é, em função do aumento significativo da população mundial, conservar-se os recursos energéticos assim como otimizar os meios de produzi-los. A conservação é uma lei da natureza que, em vários de seus processos, demonstra sua necessidade e importância.

Da mesma forma que a conservação, a destruição, (leia-se transformação) é necessária para a própria evolução da vida. Velhas estruturas devem dar lugar a novas, por melhor atenderem às necessidades humanas. O aprimoramento tecnológico e humano fazem parte da necessidade de destruição do velho e surgimento do novo. A vitalidade do novo é fundamental para a conservação e transformação do antigo. Na natureza, o que parece aos olhos do homem destruição, é na realidade um processo de transformação, pois nela tudo se encadeia. *Não se pode tocar uma flor sem incomodar uma estrela.* Cada coisa está conectada às outras num único ato de criação.

Do ponto de vista da reencarnação deve-se ter a consciência de que nós mesmos herdaremos a Terra e a

encontraremos como resultante das atitudes que tomarmos em relação a ela. Nos depararemos com uma sociedade justa ou injusta, equilibrada ou não, depredada ou estruturada, sempre de acordo com o que fizemos no passado. Portanto, o que estamos fazendo agora nos esperará lá adiante numa nova encarnação. Colheremos sempre o que plantarmos.

Aqueles que, hoje, defendem a natureza contra o próprio homem, seu principal predador, são verdadeiros emissários para um mundo melhor. Preocupam-se com as gerações futuras e para que as condições do planeta possam permitir abrigar o enorme contingente populacional.

Muitos males que a humanidade atravessa decorrem da superpopulação, que aumentou o número de interações sociais, reduziu o espaço de ocupação e aumentou a competição. Também por esses motivos aumentam a violência, a cobiça, o egoísmo, a miséria, o analfabetismo, a fome, etc. Somos, em parte, reféns do “crescei e multiplicai-vos”, irresponsavelmente assumido pelas gerações passadas. Para equilibrar essa antiga crença estamos incorporando à sociedade o planejamento familiar como forma de frear o aumento populacional possibilitando melhores condições de vida. A superpopulação é um mal causador de outros tantos danos, agravados pelo êxodo rural que concentrou as comunidades nos grandes centros urbanos. Inchados pelos bolsões de miséria, que servem à proliferação de doenças, obsessões e reencarnações purgatoriais.

A produção de bens supérfluos e o estímulo ao consumo, frutos de sistemas políticos ultrapassados, calcados no egoísmo e no materialismo, geraram necessidades artificiais de que o homem não consegue se

desvencilhar tão facilmente. Privar-se do consumo desvairado é um passo importante para a conscientização e fomento da mobilização coletiva, a fim de que se modifiquem hábitos perniciosos e contrários à natureza.

A matança predatória de animais, a destruição de florestas, a produção de materiais diluidores da camada de ozônio, a fabricação de produtos cancerígenos e disseminadores de doenças diversas, bem como outras formas de agressividade à natureza, são exemplos de como o homem se tornou o pior inimigo de si mesmo. Ao mesmo tempo, ele é o predador e o único capaz de salvá-la.

Os grandes grupos financeiros e as empresas capitalistas têm sido responsáveis pela expansão da destruição da natureza. Por detrás delas, estão a avareza e a vaidade humanas que transformam o homem em lobo do próprio homem, conseqüentemente de si mesmo. Atuam de forma abusiva deixando um rastro de destruição quase irreparável, sem a mínima noção de respeito às gerações futuras.

A transformação da Terra de mundo de provas e expiações para mundo de regeneração, só se dará quando o homem tiver a consciência da imortalidade da alma e da reencarnação. Isso o fará preocupar-se com as condições de sobrevivência na Terra.

Aqueles que se isolam da sociedade a pretexto de não pactuar com o sistema vigente estão se omitindo de uma ação transformadora da situação, reagindo de forma semelhante a uma fuga. Isolar-se e mortificar-se, refugiando-se ou punindo-se, agrada ao próprio indivíduo, mas não soluciona o problema. Somos seres sociais e para a vida relacional fomos criados, cumprindo-nos ficar e

transformar não só com o exemplo como também com a mobilização coletiva.

No passado, o homem acreditava que os recursos da natureza eram inesgotáveis, porém hoje ele percebe, face à globalização econômica e social, que está dentro de uma casa cujos habitantes consomem mais do que produzem, ou do que ela tem capacidade de produzir. Brigava-se antigamente e ainda brigamos entre nós mesmos. Mas, é chegada a época de se entender que o inimigo é outro que não o próprio semelhante, mas o orgulho e o egoísmo dentro de si mesmo. Estamos num planeta limitado em sua capacidade de gerar condições para a grande massa de espíritos que reencarnam a todo momento, por responsabilidade do homem.

Preservar o meio ambiente é dever e necessidade ao mesmo tempo. Encarnados e desencarnados estamos todos sujeitos a viver na natureza, cabendo-nos preservá-la a todo custo.

Página em branco

18. Família

A família é o núcleo básico da sociedade e onde reencarnam os espíritos a fim de continuar seu processo de evolução. É nela onde se processam os encontros de antigos afetos e desafetos para o necessário crescimento espiritual.

A família é uma instituição cuja implantação na sociedade significou um marco evolutivo, pois representa a possibilidade da fixação de vínculos afetivos e de aprendizagem do amor.

Cada espírito ao reencarnar tem um papel na família, não só importante para si como também para o grupo. No desempenho desse papel de extrema responsabilidade ele terá oportunidade de apreender as leis de Deus. Saber conviver com os entes familiares não só é uma arte como uma atividade que faz crescer e evoluir aqueles que se saem bem.

Ao se constituir uma família, que se inicia geralmente na convivência a dois, costuma-se criar expectativas quanto ao desempenho do outro, cobrando-lhe atitudes que nem sempre são alcançadas, o que torna a relação desgastada. Viver a dois é desejar a felicidade do outro além da própria. Ela, muitas vezes, inicia-se sem o necessário planejamento,

onde seus membros, sem a necessária experiência, vivem ao sabor das circunstâncias e das contingências da vida. Para se obter o desejado crescimento na família não se pode prescindir de um planejamento de como mantê-la, quantos e em que época devem vir os filhos, dos diálogos que devem existir entre seus componentes, etc.

Por ser criado como individualidade, constitui-se um aprendizado para o homem viver em família, cujas lições básicas passam pela renúncia, pela paciência, pela compreensão, pela parcimônia, pelo respeito, pelo entendimento de que se está diante de uma grande oportunidade de evoluir com o grupo familiar.

É preciso aprender a ceder para conquistar, a dar para receber, a amar para ser amado, a entender as diferenças produzidas pelas sucessivas reencarnações, a não querer moldar o outro à sua maneira.

A família auxilia o direcionamento do espírito que se encontra perdido, sem limites, necessitando de orientação e acolhimento. É através da educação na infância que ele receberá o apoio aos seus projetos de renovação. Cabe aos pais o papel de encaminhar e orientar os filhos no sentido de reequilibrar as atitudes viciosas do passado, visando a harmonia no futuro. Ser por demais permissivo tanto quanto ser excessivamente castrador poderá produzir danos à encarnação do espírito.

Muitas vezes, nasce na família alguém com um problema de difícil solução, exigindo esforço dobrado dos demais membros que, às vezes, ausentam-se do auxílio necessário. Geralmente, numa família não há um só doente, pois, quando alguém vem nessa circunstância, todos são doentes. Num certo sentido foram co-responsáveis pelo problema que se apresenta à família.

O parente difícil, o parente excepcional, o parente desequilibrado, o problemático, é alguém que é colocado em nosso caminho para o crescimento mútuo e evolução do grupo. Esquivar-se da convivência pode significar adiamento da lição a ser aprendida.

Os membros de uma família são espíritos que renascem juntos por afinidades e por contingências expiatórias. Quando são espíritos afins, a harmonia vigora no lar. Quando são espíritos comprometidos com seu próprio passado, ocorrem as desavenças. É na família onde terão oportunidade de crescer e aprender o que não sabem.

Não é apenas a religião que deve educar o espírito para a compreensão das leis de Deus, pois a família não deve abdicar de seu papel de dar as primeiras noções de amor e equilíbrio, de paz e harmonia universal.

A escola não substitui a família nem os pais devem transferir seu dever de educar e ensinar aos espíritos colocados sob sua guarda por Deus.

A verdadeira família é a universal, pois somos todos filhos de Deus, criaturas de um mesmo princípio gerador e mantenedor. Nascidos para o amor, unimo-nos em grupos, que, a cada encarnação, ampliam seus laços de fraternidade, construindo a verdadeira família espiritual. A evolução ocorre em grupos.

De tempos em tempos, grupos de espíritos, vinculados por fortes laços de afinidade, reencarnam em missão objetivando dar o exemplo de entendimento e de harmonia, criando e construindo em favor do progresso da humanidade. Nesses mesmos grupos, por vezes, são aceitos espíritos problemáticos, que, pelo carinho e pela capacidade de amar de seus pais, são reerguidos para continuarem sua evolução em outras circunstâncias. Às vezes, esses pais

missionários se sentem culpados pelos equívocos dos filhos, apelando a Deus pelos desatinos por eles cometidos. Cada espírito é responsável pelo que faz a si e a outrem.

A família é o organismo depurador dos conflitos do passado. É o ponto de chegada e partida para todos nós que desejamos evoluir. O espírito não consegue, entre quatro paredes, esconder-se de seus defeitos nem camuflar sua realidade. Ampliar os laços de fraternidade dentro e fora da família é garantia para novas encarnações entre espíritos que já se adiantaram na escala evolutiva.

Na família, o espírito tem oportunidade de aprender o amor sob diversos aspectos, principalmente no que diz respeito ao maternal e ao fraternal. Nessas duas modalidades de amor ele percebe e sente a importância do sentimento para a evolução do espírito.

Nem sempre a família se resume aos que possuem laços consangüíneos, pois ela também engloba os que auxiliam as tarefas domésticas. Eles também são importantes para o equilíbrio doméstico, com quem aprendemos as mais simples regras de convivência.

A reencarnação e a imortalidade da alma, ampliam os laços de família pois libertam o espírito das relações que aprisionam. Os papéis se alternam a cada encarnação, sempre no intuito de fazer o espírito se aproximar do verdadeiro amor. A morte do corpo não desfaz os verdadeiros laços de amor entre os espíritos.

A família espiritual não se resume, necessariamente, aos habitantes de um planeta. O universo é plenamente habitado e os espíritos reencarnam em mundos diferentes visando o aprimoramento intelectual e moral. Os mundos formam grandes famílias que por sua vez compõem a imensa família de Deus.

Os verdadeiros pais são aqueles que nos dão as noções de amor e equilíbrio, o que nem sempre é feito pelos pais biológicos. Nosso pai e nossa mãe verdadeiros é Deus. A cada encarnação o espírito renasce, via de regra através de um pai e uma mãe diferentes, o que amplia seu amor ao próximo. Mesmo que gerado numa proveta ou numa barriga de aluguel, o espírito continuará sua jornada em busca da evolução compreendendo que o verdadeiro pai ou a mãe é Deus, o Criador da Vida.

Amar os pais que favoreceram a existência física, é dever de todo espírito, independente das circunstâncias posteriores. Quem dá amor ao filho que não gerou, ou ao pai e à mãe que não lhe conceberam, ama duas vezes, pois transcende ao vínculo biológico.

Página em branco

19. Energia sexual

A energia sexual é uma das modalidades de uso da energia psíquica, a qual move o homem para a vida. Ela não se restringe à prática do sexo, nem se situa numa parte específica do corpo. É a energia da vida como um todo. Pode se manifestar em vários níveis de uso de acordo com a evolução do espírito.

A natureza deu ao homem a capacidade de construir seu desenvolvimento através da função de co-criar, de fornecer os elementos materiais para a continuidade de sua espécie. Isso possibilita ao homem participar da obra divina contribuindo com a formação do corpo físico, o qual possui as condições para gerar outro corpo, porém um espírito não gera outro.

De acordo com o nível de evolução do espírito, ele usa essa energia provinda de seu íntimo. Uns utilizam apenas para a procriação e o prazer genital, outros para as construções idealizadas, outros ainda para seu desenvolvimento intelectual, outros para suas obras artísticas, de tal forma que o campo de aplicação torna-se bastante amplo.

Para realizar a função co-criadora o homem utiliza a energia psíquica que, dentre outras finalidades, é utilizada com o objetivo de perpetuar a espécie. Essa modalidade é a energia sexual, geradora da vida física, e que pode ser utilizada não só para as atividades sexuais de procriação, mas também para o prazer.

O ser humano tem, ao longo de sua evolução, aprendido a manipular essa energia cuja força realizadora lhe tem trazido grande aprendizado. Seu uso não está restrito ao corpo já que é energia provinda do espírito e se destina ao seu aperfeiçoamento intelectual e espiritual. Essa energia psíquica, poderosa em si mesmo, em parte responsável pelas motivações humanas, deverá merecer melhor atenção dos pais e educadores, principalmente quando na forma sexual, ela se manifesta precocemente, pois o espírito já vem com seus traumas sexuais de outras encarnações. A educação sexual se impõe como algo necessário na infância tendo em vista a proliferação das imagens apelativas ao assunto. Pais e educadores devem se munir de informações de como lidar com o tema, de forma a não estimulá-lo em idade precoce, nem equivocar-se por atraso.

A iniciação à prática sexual deve ser orientada com cautela pelos pais que podem auxiliar o espírito nos seus conflitos passados. É comum o pai estimular o filho à prática sexual prematuramente e proibir à filha quanto a mesma atitude. Muitas vezes, isso se dá pelo receio ao comportamento não masculino do filho, bem como ao tabu da virgindade na filha, ambos frutos da insegurança e incapacidade dele em lidar com essas questões. Nesse caso deve o pai, ou os pais, procurar orientar-se sexualmente.

Outra questão importante no que diz respeito ao uso da energia sexual é a homossexualidade, nem sempre compreendida adequadamente por pais e educadores. O espírito, enquanto essência divina, não tem sexo e renasce em um corpo masculino ou feminino a fim de aperfeiçoar-se no uso de sua sexualidade de forma equilibrada. O Espiritismo vê aqueles que optam pelo homossexualismo com a mesma atenção e respeito com que trata os heterossexuais.

Esse aperfeiçoamento exige que essa energia seja suficientemente trabalhada pela educação face à sua imensa gama de possibilidades de uso. Educação quanto a essa energia é fundamental, pois graças à proibição e ao tabu, bem como ao uso indiscriminado a que o homem se permitiu, desenvolveu em si uma série de problemas relacionados ao sexo.

O nível primário de evolução em que o homem ainda vive, tornou o sexo objeto de consumo e uma finalidade em si, desviando suas outras finalidades superiores. Conseqüentemente seu abuso tem gerado uma série imensa de conflitos e de perturbações que, via de regra, atravessam reencarnações.

Sexo é portanto uma modalidade da energia criadora que também possibilita o homem desenvolver-se espiritualmente, quando utilizada adequadamente. Sua proibição gerou os abusos, num ciclo vicioso inconseqüente, obrigando a sociedade a promover a educação necessária para que o próprio homem conheça sua natureza essencial.

A energia sexual é responsável pela formação da família cuja transformação, ao longo da história, tem sido muito grande e intensa. Antes tinham-se muitos filhos, hoje

percebe-se a necessidade de se limitar seu número face aos desafios da convivência social, submetendo-se o casal ao planejamento da família, sem o que a vida se torna extremamente difícil. O planejamento familiar é a palavra de ordem, pois não só equilibra as relações familiares, evita os abortos como proporciona uma melhor organização das reencarnações por parte dos interessados. A proliferação irresponsável de filhos é um mal com que ainda convivemos, gerando, às vezes, a paternidade irresponsável.

Embora o casamento tenha representado, durante muito tempo, a garantia da sexualidade equilibrada, revelou-se impotente para educá-la no ser humano. Quando falta o amor ela se transforma num instrumento de prisão, exigindo modificação. Hoje, graças ao divórcio, resolveram-se os problemas das uniões equivocadas do passado. Embora se deva buscar o mais possível a convivência harmônica no casamento, chega-se a uma situação em que o melhor é a separação, a bem da encarnação dos envolvidos. Mesmo à custa de sofrimentos deve-se pensar se o melhor não seria separar-se, afim de não agravar situações ou criar carmas futuros. A separação se torna necessária nos casos de violência ou tentativa de homicídio.

Algumas religiões acreditam que o sexo é impuro, pecaminoso, sujo, etc., fruto de uma visão equivocada sobre a natureza da energia sexual. Em decorrência dessa visão errônea, passou-se a considerar o celibato como um estado que indicava “purificação”. Esse conceito provocou graves conflitos na humanidade, pois a energia sexual não utilizada nesse campo foi desviada para a violência gerando traumas individuais e guerras coletivas.

A humanidade hoje dispõe de métodos contraceptivos a fim de não só planejar a família como também viver sua sexualidade sem culpas e medos. Afastando-se do infanticídio, do aborto, o homem criou métodos contraceptivos, tais como: o anticoncepcional, a camisinha, a tabela, etc., até um dia aproximar-se do tempo em que a relação sexual não gere filho. Nesse movimento ele vem educando gradativamente seu impulso sexual.

Esse impulso não educado tem sido responsável pela poligamia que diminuiu consideravelmente, embora ainda existam culturas que a adotam; pelo aborto que, mesmo tendo aumentado sua incidência entre adolescentes, vem sendo objeto de preocupação da sociedade. O impulso sexual descontrolado tem gerado paixões avassaladoras, não raro resvalando para o crime e a destruição de lares sem conta.

A proliferação das doenças sexualmente transmissíveis é fruto da deseducação do homem em relação à sexualidade e demonstra o quanto infantil e frágil ele ainda é quanto ao sexo. Seu amadurecimento vem com a percepção do sexo como modalidade da energia criadora, que pode ser utilizada em vários campos, não só na área genital.

O Espiritismo coloca o sexo como algo importante e a educação de seu uso será capaz de levar o homem ao equilíbrio, se utilizado de forma respeitosa e consciente. O homem não foi feito para o sexo nem ele representa sua única fonte de prazer.

Em matéria de sexo não se deve proibir nem abusar, mas buscar-se o uso responsável.

Página em branco

20. Uma sociedade espírita e uma instituição espírita

Uma sociedade onde vigorem os princípios espíritas, necessariamente será regida pelo amor e pela caridade, os quais deverão ser os sentimentos característicos de seus indivíduos. O Bem sempre prevalecerá, a felicidade e a paz representarão aquisições importantes para seu progresso moral.

Muito embora não se alcance na Terra a felicidade plena, ela deve ser almejada mesmo que de forma relativa. Não se deve pensar que os princípios espíritas devem ser úteis apenas para uma vida melhor além deste mundo terreno. Eles só terão validade real se puderem ser testados, vividos e seus resultados percebidos no mundo material, pois que, não há sentido em difundi-los agora para vivê-los além.

O comportamento do ser humano que almeja a felicidade e que já incorporou os princípios espíritas nas relações com seu semelhante, deverá ser o mesmo que gostaria que os outros tivessem com ele. O outro, seu irmão, merecerá todo o respeito, e sua felicidade será tão

importante quanto a própria. Não haverá sentido em ser feliz onde ainda houver infelicidade. Todos, por esse motivo, trabalharão pela felicidade coletiva.

Quem quiser crescer deverá desejar e realizar a felicidade pessoal e a de seu semelhante. O bem estar do próximo será tão importante quanto o pessoal, dentro da máxima *amar o próximo como a si mesmo*. Por esse motivo a vida na Terra se constitui em constante aprendizado em busca do crescimento intelectual e moral. Esse crescimento, portanto, não prescinde da aquisição de sentimentos nobres e conhecimento das verdadeiras leis de Deus, as espirituais.

A não-violência e a paz são estados de espírito desejáveis aos indivíduos na medida que os elevam acima das contingências materiais, não lhes permitindo ausentarse do mundo nem sofrer-lhe as influências que os atrasam evolutivamente. Esse estado de espírito conduz os homens ao equilíbrio e à harmonia na Terra, pois estabelece entre eles uma relação de igualdade e fraternidade.

Ser feliz ou infeliz são estados relativos aos espíritos na Terra. Aquele que aplica o amor ao próximo como a si mesmo e estabelece uma relação de confiança com Deus, consegue sentir-se feliz onde e com quem estiver. O reino dos céus pregado pelo Cristo pode ser alcançado a partir da vida na Terra. Ele deve começar a ser construído desde a vida na matéria.

O conhecimento de si mesmo, a descoberta das próprias potencialidades, a transformação interior e a busca da iluminação pessoal, levarão o homem à construção de um mundo melhor, onde vigorem os princípios cristãos. Os vícios darão lugar às virtudes, o egoísmo dará lugar à caridade, as paixões serão substituídas pelo amor legítimo e o ser humano se tornará efetivamente irmão de seu irmão.

É nessa sociedade que a paz consigo mesmo, a paz com o próximo e a paz com a Vida serão estados de espírito alcançáveis quando o ser humano se dispuser a fazer sua reforma íntima. Na medida que ele se transforma deverá promover uma reforma nas instituições sociais que atrasam o homem. Outra reforma a ser feita é no sistema educacional, cujo currículo não educa para o espírito, mas para a matéria. A transformação moral da humanidade se dará na medida que o próprio homem mude a si mesmo, fazendo o caminho de volta para dentro, para seu mundo interior.

O Centro Espírita torna-se então importante núcleo educativo por proporcionar uma visão ampla da Doutrina Espírita ao homem, a fim de que ele busque seu aprimoramento espiritual. É nele que as lições de amor e caridade serão vivenciadas em sua plenitude como exemplo àqueles que ali vão buscar orientação, consolo, cura e o encontro com Deus.

Allan Kardec possuía uma visão sistêmica a respeito do Espiritismo, bem como da sociedade em mudança. Estabeleceu princípios para a formação de instituições espíritas, os quais deveriam torná-las flexíveis a essas mudanças sociais e de acordo com conveniências de seus associados. Sua seriedade e determinação foram responsáveis pela estatura do Espiritismo. A produtividade de seu trabalho, atestada na quantidade e qualidade de publicações, é exemplo de seu denodo e capacidade intelectual. Com uma visão progressista e evolutiva, estabeleceu que se o Espiritismo estivesse equivocado em algum ponto, neste ele se modificaria.

Como qualquer outra corporação humana, o Centro Espírita ou qualquer que seja a denominação do grupo que

se proponha a divulgar o Espiritismo codificado por Allan Kardec, está sujeito às interferências inerentes à convivência de pessoas. Suas ações, por mais que sejam protegidas espiritualmente, sofrem interferências de fatores psicossociais nem sempre percebidos.

O conjunto das casas espíritas formam o que se chama de movimento espírita, que se apresenta num mosaico muito rico ainda distante da unidade desejada. Essa riqueza é resultante da diversidade da natureza psicológica de seus fundadores e dirigentes. O mosaico é reflexo dessa rica multiplicidade de espíritos que lhe constituem, tanto encarnados quanto desencarnados.

Muitas foram as tentativas de unificação como também de uniformização de ações. A unificação, que deve ser entendida como unidade da Doutrina, deverá se dar na aceitação dos mesmos princípios espíritas, sem a exclusão de qualquer deles. As ações deverão ser variadas e distintas, de acordo com os propósitos e estratégias daqueles que as dirigem. Os objetivos gerais deverão ser os estabelecidos nos princípios básicos do Espiritismo codificado por Allan Kardec, porém os específicos deverão variar de acordo com as motivações e qualificações daqueles que fazem parte da instituição. A unidade é uma questão relativa aos princípios doutrinários, sem contudo necessariamente tornar-se a uniformização de métodos ou obrigações dogmáticas.

Enquanto as instituições se modificam, a doutrina espírita ou o Espiritismo é imperecível porque repousa nas leis da natureza. Anda no ar como bem disse Allan Kardec, e seus princípios são disseminados de forma natural pelo próprio progresso social.

Vivemos numa sociedade que sobrevive à base de trocas. Trocas materiais e trocas psíquicas. O homem só faz

algo visando o bem estar próprio ou de outrem. No primeiro caso a compensação é óbvia e direta. No segundo caso, ela é indireta por almejar algo que redundará num bem estar coletivo em que ele se insere. No Espiritismo o sistema não é de trocas, mas vigora o princípio do desenvolvimento pessoal através de ações desinteressadas.

Estruturar uma casa espírita sem lhe prover dos meios de se manter e sem um planejamento estratégico de consecução de recursos, pode trazer prejuízos aos objetivos a que se propõe. Obviamente que essa preocupação não deve significar uma transformação em atividade fim. Preferencialmente a forma de se buscar recursos deve possibilitar também a divulgação da mensagem. Como forma de buscar recursos são aconselháveis: a) venda, distribuição e edição de livros; b) círculo do livro com cobrança bancária; c) exploração de cantina; d) arrendamento de salas comerciais em prédio comprado ou construído pela instituição, que funcione fora de suas instalações e com administração profissional própria; e) exploração de atividade comercial que não fira os princípios espíritas e que respeite o ser humano, a vida e a natureza.

Uma instituição espírita que tenha, portanto, o objetivo de executar ações de acordo com os princípios estabelecidos por Allan Kardec, deve desenvolver trabalhos voltados para: a) divulgação dos princípios espíritas; b) estudos espíritas com ou sem a participação direta de desencarnados; c) esclarecimento a entidades desencarnadas; d) desenvolvimento das pessoas que trabalham na instituição visando sua autotransformação e iluminação; e) consecução de recursos para manutenção e custeio de suas atividades fim.

Página em branco

Bibliografia

AULA 1

DOYLE, Arthur C., *A História do Espiritismo*,
IMBASSAHY, Carlos, *Religião*, 3ª edição, 1981,
FEB, Rio de Janeiro-RJ;

KARDEC, Allan, *O Livro dos Espíritos*, 53ª edição,
1981, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

----- *O Livro dos Médiuns*, 52ª edição, 1985, FEB,
Rio de Janeiro-RJ;

----- *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, 87ª
edição, 1983, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

----- *O Céu e o Inferno*, 25ª edição, 1978, FEB, Rio
de Janeiro-RJ;

----- *A Gênese*, 24ª edição, 1982, FEB, Rio de
Janeiro-RJ;

----- *O Que é o Espiritismo*, 22ª edição, 1980, FEB,
Rio de Janeiro-RJ;

----- *Obras Póstumas*, 16ª edição, 1977, FEB, Rio
de Janeiro-RJ;

MARIAS, Julian, *História da Filosofia*, 8ª edição, 1959, Ed. Souza & Almeida, Porto-Portugal;

NOGARE, Pedro D., *Humanismos e Anti-Humanismos*, 9ª edição, 1985, Ed. Vozes, Petrópolis-RJ;

PIRES, José H., *O Espírito e o Tempo*, 2ª edição, 1977, Ed. EDICEL, São Paulo-SP;

----- *Ciência Espírita*, 2ª edição, 1981, Ed. Paidéia, São Paulo-SP;

----- *Introdução à Filosofia Espírita*, 1983, Ed. Paidéia, São Paulo-SP;

WANTUIL, Zeus e THIESEN, Francisco, *Allan Kardec - Meticulosa Pesquisa Biobibliográfica*, Vol. I, II e III, 1979, Rio de Janeiro-RJ;

XAVIER, Francisco C. e EMMANUEL (Espírito), *A Caminho da Luz*, 10ª edição, 1980, FEB, Rio de Janeiro-RJ.

AULA 2

AMORIM, Deolindo, *O Espiritismo e os Problemas Humanos*, Cap. VII, 2ª edição, 1984, Edicel, São Paulo-SP.

----- *Encontro com a Cultura Espírita*, Pag 11.

DENIS, Leon, *Depois da Morte*, Cap. 7, 1ª parte, 11ª edição, 1978, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

----- *O Grande Enigma*, 1ª parte, Cap. IV, V e VI, 5ª edição, 1965, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

----- *O Problema do Ser, do Destino e da Dor*, Cap. XVIII, 11ª edição, 1979, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

----- *O Porque da Vida*, Cap. IV, 5ª edição, 1965, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

FRANCO, Divaldo P. e ANGELIS, Joanna (Espírito), *Estudos Espíritas*, Cap. 1, 2ª edição, 1982, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

KARDEC, Allan, *O Livro dos Espíritos*, Perg. 1 a 36 e 614 a 648, 53ª edição, 1981, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

----- *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, Cap. 19 e 27, 87ª edição, 1983, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

----- *A Gênese*, Cap. II e III, 24ª edição, 1982, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

----- *A Prece*, 7ª edição, 1943, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

MARIOTTI, Humberto, *Parapsicologia e Materialismo Histórico*, Cap. V, 2ª edição, 1983, EDICEL, São Paulo-SP;

PIRES, José H., *O Espírito e o Tempo*, 1ª Parte, Cap. II, 2ª edição, 1977, Ed. Edicel, São Paulo-SP;

----- *Concepção Existencial de Deus*, 1981, Ed. Paidéia, São Paulo-SP;

----- *Agonia das Religiões*, Cap. V, 2ª edição, 1984, Ed. Paidéia, São Paulo-SP;

UBALDI, Pietro, *A Nova Civilização do 3º Milênio*, Cap. X, 2ª edição, 1982, FUNDAPU, Rio de Janeiro-RJ;

----- *A Lei de Deus*, 2ª edição, 1982, FUNDAPU, Rio de Janeiro-RJ;

----- *Pensamentos*, Vol. I e II, 1971, Ed. Monismo, Rio de Janeiro-RJ;

XAVIER, Francisco C. e ANDRÉ LUIZ (Espírito), *Evolução em Dois Mundos*, 1ª parte, Cap. I, 4ª edição, 1977, FEB, Rio de Janeiro-RJ.

AULA 3

FLAMARION, Camille, *Urânia*, 6ª edição, 1990, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

KARDEC, Allan, *O Livro dos Espíritos*, 1ª parte, Cap. II e IV e Cap. XI da 2ª parte, 53ª edição, 1981, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

----- *A Gênese*, Cap. VI e XII, 24ª edição, 1982, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

MARTINS, Celso, *Espiritismo e Vidas Sucessivas*, 1976, Editora ECO, Rio de Janeiro-RJ;

MOURÃO, Ronaldo R., *Da Terra às Galáxias - Uma Introdução a Astrofísica*, 3ª edição, 1982, Vozes, Petrópolis-RJ;

UBALDI, Pietro, *A Grande Síntese*, 11ª edição, 1979, LAKE, São Paulo-SP;

----- *O Sistema*, 2ª edição, 1984, FUNDAPU, Rio de Janeiro-RJ;

XAVIER, Francisco C. e EMMANUEL (Espírito), *Roteiro*, Cap. 9, 2ª edição, 1958, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

----- *Religião dos Espíritos*, 3ª edição, 1974, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

----- *A Caminho da Luz*, 10ª edição, 1980, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

----- e LUIZ, André, (Espírito), *Evolução em Dois Mundos*, 1ª parte, Cap. I, 4ª edição, 1977, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

----- e DEUS, Maria J. de (Espírito), *Cartas de Uma Morta*, 8ª edição, 1981, LAKE, São Paulo-SP.

AULA 4

DENIS, Leon, *Depois da Morte*, Cap. XXI e XXIII, 3ª parte, 11ª edição, 1978, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

----- *No Invisível*, Cap. III, 9ª edição, 1981, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

FRANCO, Divaldo P., e ÂNGELIS, Joanna (Espírito), *Estudos Espíritas*, 2ª edição, 1982, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

KARDEC, Allan, *O Livro dos Espíritos*, 2ª parte, Cap. II, 53ª edição, 1981, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

----- *A Gênese*, Cap. XI e XIV, 24ª edição, 1982, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

----- *O Que é o Espiritismo*, Cap. II, item 7, 22ª edição, 1980, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

----- *Obras Póstumas*, 16ª edição, 1977, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

MOODY Jr., Raymond, *Vida Depois da Vida*, 11ª edição, 1986, Nórdica, Rio de Janeiro-RJ;

WEIL, Pierre, *Fronteiras da Evolução e da Morte*, 2ª edição, 1983, Petrópolis-RJ;

XAVIER, Francisco C. e LUIZ, André, (Espírito), *Evolução em Dois Mundos*, Cap. 2, 4ª edição, 1977, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

----- *Entre a Terra e o Céu*, Cap. 20, 7ª edição 1980, FEB, Rio de Janeiro-RJ.

MOSS, Thelma, *O Corpo Elétrico*, 9ª edição, Cultrix, 1993, São Paulo-SP;

BRENNAN, Bárbara, *Mãos de Luz*, 8ª edição, Pensamento, 1993, São Paulo-SP

MOTOYAMA, Hiroshi, *Teoria das Chakras*, Pensamento, 1991, São Paulo-SP;

LEADBEATER, C. W., *Os Chakras*, Pensamento, 1991, São Paulo-SP;

KARAGULA, Shafica e KUNZ, G. Van Dora, *Os Chakras e os Campos de Energia Humanos*, 8ª edição, Pensamento, 1993, São Paulo-SP.

AULA 5

BLACKMORE, Susan J., *Experiências Fora do Corpo*, 2ª edição, 1988, Pensamento, São Paulo-SP;

BOSC, Ernest, *Viagem Astral*, Pensamento, São Paulo-SP;

DENIS, Leon, *No Invisível*, 2ª Parte, Cap. XII e XIII, 9ª edição, 1981, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

FRANCO, Divaldo P. e ÂNGELIS, Joanna (Espírito), *Estudos Espíritas*, 2ª edição, 1982, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

----- *No Limiar do Infinito*, Cap. 8, 1977, LEAL, Salvador-BA;

KARDEC, Allan, *O Livro dos Espíritos*, 2ª parte, Cap. III, 53ª edição, 1981, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

----- *A Gênese*, Cap. XIV, item 22 a 30, 24ª edição, 1982, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

----- *O Céu e o Inferno*, Cap. II, 22ª edição, 1980, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

MOODY Jr., Raymond, *Vida Depois da Vida*, 11ª edição, 1986, Nórdica, Rio de Janeiro-RJ;

----- *Reflexões Sobre Vida Depois da Vida*, 3ª edição, 1986, Nórdica, Rio de Janeiro-RJ;

MULDOON, Sylvan J., *Projeção do Corpo Astral*, Pensamento, São Paulo-SP;

PEREIRA, Yvonne e BOTELHO, Camilo C. (Espírito), *Memórias de um suicida*, Cap. 1, 14ª edição, 1987, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

PIRES, J. H., *Educação Para a Morte*, 1984, Correio Fraternal do ABC, São Paulo-SP;

RITCHIE, George G. e SHERRILL, Elisabeth, *Voltar do Amanhã*, 1980, Nórdica, Rio de Janeiro-RJ;

XAVIER, Francisco C. e LUIZ, André, (Espírito), *Nosso Lar*, Cap. 30, 4ª edição, 1949, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

----- *Os Mensageiros*, Cap. 38 e 50, 15ª edição, 1983, FEB, Rio de Janeiro-RJ.

----- *No Mundo Maior*, Cap. VI, 9ª edição, 1981, FEB, Rio de Janeiro-RJ.

----- *Missionários da Luz*, Cap. 8, 13ª edição, 1980, FEB, Rio de Janeiro-RJ.

----- *Obreiros da Vida Eterna*, Cap. XIII, XIV e XV, 9ª edição, 1975, FEB, Rio de Janeiro-RJ.

----- *Nos Domínios da Mediunidade*, Cap. XI, 10ª edição, 1979, FEB, Rio de Janeiro-RJ.

----- *Mecanismos da Mediunidade*, Cap. XXI, 4ª edição, 1973, FEB, Rio de Janeiro-RJ.

----- e EMMANUEL (Espírito), *O Consolador*, 1ª parte, Cap. 40, 9ª edição, 1982, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

SIMONETT, Richard, *Quem Tem Medo da Morte?*, 8ª edição, Gráfica São João, 1989, Bauru-SP;

IMBASSAHY, Carlos, *O Que é a Morte*, 5ª edição, Edicel, 1986, São Paulo-SP.

AULA 6

ANDRADE, Hernani G., *Morte, Renascimento e Evolução*, Pensamento, São Paulo-SP;

----- *Reencarnação no Brasil*, 1988, Casa Editora O Clarim, Matão-SP;

ANDRADE, Jayme, *Espiritismo e as Igrejas Reformadas*, 1983, Lar de Jesus, Conchas-SP;

ANDRÉA, Jorge, *Palingênese, A Grande Lei*, 1975, Caminho de Libertação, Rio de Janeiro-RJ;

BANERJEE, H. N., *Vida Pretérita e Futura*, 1983, Nórdica, Rio de Janeiro-RJ;

CERMINARA, Gina, *Muitas Moradas - A reencarnação segundo Edgard Cayce*, 1988, Pensamento, São Paulo-SP.

DAVID-NEEL, ALEXANDRA, *Reencarnação e Imortalidade*, 1989, Ibrasa, São Paulo-SP.

DELANNE, Gabriel, *A Reencarnação*, 5ª edição, 1979, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

DENIS, Leon, *Depois da Morte*, Parte quarta, Cap. XLI, 11ª edição, 1978, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

----- *O Problema do Ser, do Destino e da Dor*, Cap. XIII e XVII, 11ª edição, 1979, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

IORE, Edith, *Já Vivemos Antes*, 1978, Publicações Europa-América, Lisboa-Portugal.

FRANCO, Divaldo P. e ANGELIS, Joanna (Espírito), *No Limiar do Infinito*, Cap. 4 e 5, 1977, LEAL, Salvador-BA;

GRANT, Joan e KELSEY, Denis, *Nossas Vidas Anteriores*, 1967, Distribuidora Record, Rio de Janeiro-RJ.

KARDEC, Allan, *O Livro dos Espíritos*, 2ª parte, Cap. IV, V, VI e VII, 53ª edição, 1981, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

----- *O Céu e o Inferno*, Cap. III e IX, 22ª edição, 1980, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

MARTINS, Celso, *Espiritismo e Vidas Sucessivas*, Cap. 14, 1976, Editora ECO, Rio de Janeiro-RJ;

MIRANDA, Hermínio C., *A Reencarnação na Bíblia*, 1981, Pensamento, São Paulo-SP;

----- *Reencarnação e Imortalidade*, Cap. 2 e 21, 1976, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

MULLER, Karl G., *Reencarnação Baseada em Fatos*, 2ª edição, 1981, Difusora Cultural, São Paulo-SP;

NOVAES, Adenáuer, *Reencarnação: processo educativo*, 1995, Fundação Lar Harmonia, Salvador-BA;

POMPAS, Manuela, *Reencarnação, A descoberta das vidas passadas*, 1991, Maltese, São Paulo-SP.

STEVENSON, Ian, *Vinte Casos Sugestivos de Reencarnação*, 1971, Edicel, São Paulo-SP;

----- *Child Development and Reincarnation*, (Desenvolvimento Infantil e Reencarnação), Boletim da American Society for Psychical Research (ASPR), Vol III, Number 4, 1977, New York-NY;

TENDAM, Hans, *Panorama sobre a Reencarnação*, Vol. 1 e 2, Summus Editorial, 1993, São Paulo-SP.

WAMBACH, Helen, *Recordando Vidas Passadas*, Pensamento, São Paulo-SP;

----- *Vida Antes da Vida*, 1988, Livraria Freitas Bastos, Rio de Janeiro-RJ;

XAVIER, Francisco C. e LUIZ, André, (Espírito), *Missionários da Luz*, Cap. 13, 13ª edição, 1980, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

----- *Entre a Terra e o Céu*, Cap. XXVII, XXVIII, XXIX e XXX, 7ª edição, 1980, FEB, Rio de Janeiro-RJ.

----- *Evolução em Dois Mundos*, 1ª parte, Cap. XIX e 2ª parte Cap. XIII, 4ª edição, 1977, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

----- *Os Mensageiros*, Cap. 38 e 50, 15ª edição, 1983, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

----- *No Mundo Maior*, Cap. VI, 9ª edição, 1981, FEB, Rio de Janeiro-RJ.

XAVIER, Francisco C. e PIRES, Cornélio (Espírito), *Coisas Deste Mundo*, 1977, Clarim, Matão-SP.

AULA 7

ANDRADE, Jaime, *Espiritismo e as Igrejas Reformadas*, 1983, Lar de Jesus, Conchas-SP;

FRANCO, Divaldo P. e ANGELIS, Joanna (Espírito), *No Limiar do Infinito*, Cap. 4 e 5, 1977, LEAL, Salvador-BA;

KARDEC, Allan, *O Livro dos Espíritos*, 2ª parte, Cap. IV, V, VI e VII, 53ª edição, 1981, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

----- *O Céu e o Inferno*, Cap. III e IX, 22ª edição, 1980, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

MIRANDA, Hermínio C., *Reencarnação e Imortalidade*, Cap. 21, 1976, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

NOVAES, Adenáuer, *Reencarnação: processo educativo*, 1995, Fundação Lar Harmonia, Salvador-BA;

XAVIER, Francisco C. e PIRES, Cornélio (Espírito), *Coisas Deste Mundo*, 1977, Clarim, Matão-SP.

AULA 8

KARDEC, Allan, *O Livro dos Espíritos*, 2ª parte, Cap. IV, V, VI e VII, 53ª edição, 1981, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

NOVAES, Adenáuer, *Reencarnação: processo educativo*, 1995, Fundação Lar Harmonia, Salvador-BA;

XAVIER, Francisco C. e LUIZ, André, (Espírito), *Missionários da Luz*, Cap. 13, 13ª edição, 1980, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

----- *Evolução em Dois Mundos*, 1ª parte, Cap. XIX e 2ª parte Cap. XIII, 4ª edição, 1977, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

----- *Entre a Terra e o Céu*, Cap. XXVII, XXVIII, XXIX e XXX, 7ª edição, 1980, FEB, Rio de Janeiro-RJ.

AULA 9

CUNHA, Heigorina, *Cidade no além*, 3ª edição, 1983, IDE, São Paulo-SP;

GONÇALVES, Otilia, *Além da Morte*, 3ª edição, Livraria Alvorada Editora, Salvador,BA;

KARDEC, Allan, *O Livro dos Espíritos*, 2ª parte, Cap. I, III e X, 53ª edição, 1981, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

XAVIER, Francisco C. e LUIZ, André, (Espírito), *Nosso Lar*, 4ª edição, 1949, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

----- *Obreiros da Vida Eterna*, Prefácio da 9ª edição, 1975, FEB, Rio de Janeiro-RJ.

----- *Evolução em Dois Mundos*, 2ª parte, 4ª edição, 1977, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

AULA 10

Apostilas do COEM, Centro Espírita Luz Eterna, 1978, Curitiba-PR;

ARMOND. Edgard, *Mediunidade*, 14ª edição, 1973, LAKE, São Paulo-SP;

BACCELLI, Carlos e FERNANDES, Odilon (Espírito), *Mediunidade e Evangelho*, 1993, IDE, Araras-SP;

DENIS, Leon, *No Invisível*, 1ª parte, Cap. IV, V e VI, 2ª parte, Cap. XII a XXI e 3ª parte, Cap. XXII a XXVI, 9ª edição, 1981, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

FRANCO, Divaldo P. e ANGELIS, Joanna (Espírito), *Estudos Espíritas*, Cap. 18, 2ª edição, 1982, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

----- e CLEOFAS, João (Espírito), *Intercâmbio Mediúnico*, 1986, LEAL, Salvador-BA;

KARDEC, Allan, *O Livro dos Espíritos*, 2ª parte, Cap. X, 53ª edição, 1981, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

----- *O Livro dos Médiuns*, 52ª edição, 1985, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

MARTINS, Celso, *Espiritismo e Vidas Sucessivas*, 1976, Editora ECO, Rio de Janeiro-RJ;

PASTORINO, Carlos T., *Técnica da Mediunidade*, 3ª edição, 1975, Sabedoria, Rio de Janeiro-RJ;

PERALVA, Martins, *Estudando a Mediunidade*;

PEREIRA, Yvonne e DENIS, Leon (Espírito), *Devassando o Invisível*, Cap. VIII, 14ª edição, 1987, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

PIRES, José H., *Mediunidade*, 1ª Parte, Cap. II, 2ª edição, 1977, Ed. Edicel, São Paulo-SP;

XAVIER, Francisco C. e LUIZ, André, (Espírito), *Evolução em Dois Mundos*, 2ª parte, 4ª edição, 1977, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

----- *Nos Domínios da Mediunidade*, 10ª edição, 1979, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

----- *Mecanismos da Mediunidade*, 4ª edição, 1973, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

----- e EMMANUEL (Espírito), *Roteiro*, Cap. 27, 2ª edição, 1958, FEB, Rio de Janeiro-RJ.

AULA 11

Apostilas do COEM, Centro Espírita Luz Eterna, Curitiba-PR;

ARMOND. Edgard, *Mediunidade*, 14ª edição, 1973, LAKE, São Paulo-SP;

----- *Trabalhos Práticos de Espiritismo*, 5ª edição, 1978, Aliança, São Paulo-SP;

DENIS, Leon, *No Invisível*, 1ª parte, Cap. IV, V, X e 3ª parte, Cap. XXVI, 9ª edição, 1981, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

FRANCO, Divaldo P. e ANGELIS, Joanna (Espírito), *Estudos Espíritas*, Cap. 18, 2ª edição, 1982, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

----- e CARVALHO, Vianna (Espírito), *Médiuns e Mediunidades*, 2ª edição, 1991, Arte e Cultura, Niterói-RJ;

----- e CLEÓFAS, João (Espírito), *Intercâmbio Mediúnico*, 1986, LEAL, Salvador-BA;

KARDEC, Allan, *O Livro dos Espíritos*, 2ª parte, Cap. IX, 53ª edição, 1981, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

----- *O Livro dos Médiuns*, 52ª edição, 1985, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

PASTORINO, Carlos T., *Técnica da Mediunidade*, 3ª edição, 1975, Sabedoria, Rio de Janeiro-RJ;

PEREIRA, Yvonne e DENIS, Leon (Espírito), *Devassando o Invisível*, Cap. VIII, 14ª edição, 1987, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

PERALVA, Martins, *Estudando a Mediunidade*, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

PIRES, José H., *Mediunidade*, 1ª Parte, Cap. II, 2ª edição, 1977, Ed. Edicel, São Paulo-SP;

XAVIER, Francisco C. e LUIZ, André, (Espírito), *Evolução em Dois Mundos*, 2ª parte, 4ª edição, 1977, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

----- *Missionários da Luz*, Cap. 3, 13ª edição, 1980, FEB, Rio de Janeiro-RJ.

----- *Nos Domínios da Mediunidade*, 10ª edição, 1979, FEB, Rio de Janeiro-RJ.

----- *Mecanismos da Mediunidade*, 4ª edição, 1973, FEB, Rio de Janeiro-RJ.

----- e EMMANUEL (Espírito), *Roteiro*, Cap. 27, 28 e 36, 2ª edição, 1958, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

----- *Seara dos Médiuns*, 2ª edição, 1973, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

AULA 12

Apostilas do COEM, Centro Espírita Luz Eterna, Paraná-PR;

FRANCO, Divaldo P. e ANGELIS, Joanna (Espírito), *Estudos Espíritas*, Cap. 19, 2ª edição, 1982, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

----- e MIRANDA, Manoel P. (Espírito), *Nas Fronteiras da Loucura*, 1982, LEAL, Salvador-BA;

----- *Nos Bastidores da Obsessão*, 2ª edição, 1976, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

----- *Painéis da Obsessão*, 1983, IEAL, Salvador-BA;

----- e CLEÓFAS, João (Espírito), *Intercâmbio Mediúnico*, Cap. 14, 1990, LEAL, Salvador-BA;

KARDEC, Allan, *O Livro dos Espíritos*, 2ª Parte, Cap. IX, 53ª edição, 1981, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

----- *O Livro dos Médiuns*, Cap. XXIII, 52ª edição, 1985, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

----- *A Gênese*, Cap. XIV, item 45 a 49, 24ª edição, 1982, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

MIRANDA, Hermínio C., *Diálogo com as Sombras*, 1979, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

----- *Histórias que os Espíritos Contaram*, 1980, LEAL, Salvador-BA;

XAVIER, Francisco C. e LUIZ, André, (Espírito), *Missionários da Luz*, Cap. 3, 4 e 5, 13ª edição, 1980, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

----- *Libertação*, 5ª edição, 1971, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

----- e EMMANUEL (Espírito), *Roteiro*, Cap. 28, 2ª edição, 1958, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

----- *Seara dos Médiuns*, 2ª edição, 1973, FEB, Rio de Janeiro-RJ.

AULA 13

Apostilas do COEM, Centro Espírita Luz Eterna, Paraná-PR;

FRANCO, Divaldo P. e ANGELIS, Joanna (Espírito), *Estudos Espíritas*, 2ª edição, 1982, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

----- e MIRANDA, Manoel P. (Espírito), *Nas Fronteiras da Loucura*, 1982, LEAL, Salvador-BA;

----- *Nos Bastidores da Obsessão*, 2ª edição, 1976, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

----- *Painéis da Obsessão*, 1983, LEAL, Salvador-BA;

KARDEC, Allan, *O Livro dos Espíritos*, 2ª parte, Cap. IX, 53ª edição, 1981, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

----- *O Livro dos Médiuns*, 52ª edição, 1985, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

MIRANDA, Hermínio C., *Diálogo com as Sombras*, 1979, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

----- *Histórias que os Espíritos Contaram*, 1980, LEAL, Salvador-BA;

SCHUBERT, Suely C., *Obsessão e Desobsessão*, 2ª edição, 1981, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

TOLEDO, Wenefledo de, *Passes e Curas Espirituais*, 1977, São Paulo-SP;

XAVIER, Francisco C. e LUIZ, André (Espírito), *Desobsessão*, 4ª edição, 1979, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

AULA 14

CALLIGARIS, Rodolfo, *As Leis Morais da Vida*, 4ª edição, 1987, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

DENIS, Leon, *Depois da Morte*, Cap. 2 e 9, 11ª edição, 1978, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

FRANCO, Divaldo P. e ANGELIS, Joanna (Espírito), *Estudos Espíritas*, Cap. 10, 2ª edição, 1982, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

----- *Leis Morais da Vida*, 2ª edição, 1976, LEAL, Salvador-BA;

KARDEC, Allan, *O Livro dos Espíritos*, 3ª parte, Cap. I e II, 53ª edição, 1981, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

----- *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, 87ª edição, 1983, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

RIZZINI, Carlos T., *Evolução Para o 3º Milênio*, Cap. 4, 1981, LAKE, São Paulo-SP;

UBALDI, Pietro, *A Lei de Deus*, 2ª edição, 1982, FUNDAPU, Rio de Janeiro-RJ;

----- *Pensamentos*, Vol. I e II, 1971, Ed. Monismo, Rio de Janeiro-RJ;

----- *Técnica Funcional da Lei de Deus*, 2ª edição, 1984, FUNDAPU, Rio de Janeiro-RJ;

WEIL, Pierre, *A Neurose do Paraíso Perdido*, 1987, Espaço e Tempo Ltda, Rio de Janeiro-RJ.

AULA 15

CALLIGARIS, Rodolfo, *As Leis Morais da Vida*, 4ª edição, 1987, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

DENIS, Leon, *Socialismo e Espiritismo*, 9ª edição, 1981, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

FRANCO, Divaldo P. e ANGELIS, Joanna (Espírito), *Estudos Espíritas*, 2ª edição, 1982, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

----- *Leis Morais da Vida*, 2ª edição, 1976, LEAL, Salvador-BA;

KARDEC, Allan, *O Livro dos Espíritos*, Cap. III e VIII, 3ª parte, 53ª edição, 1981, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

MARIOTTI, Humberto, *Parapsicologia e Materialismo Histórico*, 2ª edição, 1983, EDICEL, São Paulo-SP;

UBALDI, Pietro, *A Grande Síntese*, Cap. LXXIX, 11ª edição, 1979, FUNDAPU, Rio de Janeiro-RJ;

XAVIER, Francisco C. e EMMANUEL (Espírito), *Roteiro*, Cap. 17, 2ª edição, 1958, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

----- *O Consolador*, Pag. 135, 9ª edição, 1982, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

AULA 16

AMORIM, Deolindo, *O Espiritismo e os Problemas Humanos*, 1985, USE Editora, São Paulo-SP;

CALLIGARIS, Rodolfo, *As Leis Morais da Vida*, 4ª edição, 1987, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

DENIS, Leon, *No Invisível*, 1ª Parte, Cap. VII, 9ª edição, 1981, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

----- *Socialismo e Espiritismo*, 9ª edição, 1981, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

FRANCO, Divaldo P. e ANGELIS, Joanna (Espírito), *Estudos Espíritas*, Cap. 24, 2ª edição, 1982, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

----- *Leis Morais da Vida*, 2ª edição, 1976, LEAL, Salvador-BA;

KARDEC, Allan, *O Livro dos Espíritos*, 3ª parte, Cap. VII, IX e X, 53ª edição, 1981, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

MARIOTTI, Humberto, *Parapsicologia e Materialismo Histórico*, 2ª edição, 1983, EDICEL, São Paulo-SP;

PIRES, José H., *Introdução à Filosofia Espírita*, 1983, Ed. Paidéia, São Paulo-SP;

UBALDI, Pietro, *Pensamentos*, Cap. IX, 1ª parte, 1971, Ed. Monismo, Rio de Janeiro-RJ;

XAVIER, Francisco C. e EMMANUEL (Espírito), *O Consolador*, 9ª edição, 1982, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

AULA 17

CALLIGARIS, Rodolfo, *As Leis Morais da Vida*, 4ª edição, 1987, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

FRANCO, Divaldo P. e ANGELIS, Joanna (Espírito), *Leis Morais da Vida*, Cap. V e VI, 2ª edição, 1976, LEAL, Salvador-BA;

KARDEC, Allan, *O Livro dos Espíritos*, Cap. V e VI, 3ª parte, 53ª edição, 1981, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

MARTINS, Celso, *Espiritismo e Vidas Sucessivas*, 1976, Editora ECO, Rio de Janeiro-RJ;

UBALDI, Pietro, *A Lei de Deus*, Cap. VII, 2ª edição, 1982, FUNDAPU, Rio de Janeiro-RJ;

----- *Pensamentos*, Vol. I, Cap. VI, 1971, Ed. Monismo, Rio de Janeiro-RJ;

----- *A Grande Síntese*, 11ª edição, 1979, FUNDAPU, Rio de Janeiro-RJ;

XAVIER, Francisco C. e LUIZ, André (Espírito), *Nosso Lar*, Cap. 24, 4ª edição, 1949, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

----- *Os Mensageiros*, Cap. 18, 15ª edição, 1983, FEB, Rio de Janeiro-RJ.

AULA 18

CALLIGARIS, Rodolfo, *As Leis Morais da Vida*, 4ª edição, 1987, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

FRANCO, Divaldo P. e ANGELIS, Joanna (Espírito), *Estudos Espíritas*, Cap. 24, 2ª edição, 1982, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

----- *Leis Morais da Vida*, Cap. IV, 2ª edição, 1976, LEAL, Salvador-BA;

KARDEC, Allan, *O Livro dos Espíritos*, 2ª parte, Perg. 203 a 217 e 3ª parte, Perg. 773 a 775 e 890 e 892, 53ª edição, 1981, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

----- *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, 87ª edição, 1983, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

MARTINS, Celso, *Espiritismo e Vidas Sucessivas*, 1976, Editora ECO, Rio de Janeiro-RJ;

RÉGIS, Jacy, *Amor, Casamento e Família*, 9ª edição, 1989, LICESPE, Santos-SP;

VIEIRA, Waldo, e LUIZ, André (Espírito), *Conduta Espírita*, Cap. 5, 5ª edição, 1977, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

XAVIER, Francisco C., e EMMANUEL (Espírito), *O Consolador*, 9ª edição, 1982, FEB, Rio de Janeiro-RJ.

----- *Vida e Sexo*, Cap. 2, 6ª edição, 1982, FEB, Rio de Janeiro-RJ.

AULA 19

ANDRÉA, Jorge, *Forças Sexuais da Alma*, Cap. IV, 2ª edição, 1987, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

CALLIGARIS, Rodolfo, *As Leis Morais da Vida*, 4ª edição, 1987, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

FRANCO, Divaldo P. e ANGELIS, Joanna (Espírito), *Estudos Espíritas*, 2ª edição, 1982, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

----- *No Limiar do Infinito*, Cap. 9, 1977, LEAL, Salvador-BA;

----- *Leis Morais da Vida*, 2ª edição, 1976, LEAL, Salvador-BA;

KARDEC, Allan, *O Livro dos Espíritos*, 2ª parte, Perg. 200 a 202 e 344 a 360 e 3ª parte, Cap. IV, Perg. 686 a 701, 53ª edição, 1981, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

RÉGIS, Jacy, *Comportamento Espírita*, Cap. 4, 3ª edição, 1986, DICESPE, Santos-SP;

XAVIER, Francisco C., e EMMANUEL (Espírito), *Dos Híppies aos Problemas do Mundo*, Cap. 15, 23 e 25, 4ª edição, 1982, FEESP, São Paulo-SP;

----- *Chico Xavier em Goiânia*, Perg. 12, 27 e 28, 1978, GEEM, São Bernardo do Campo-SP;

----- *Vida e Sexo*, 6ª edição, 1982, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

XAVIER, Francisco C. e LUIZ, André (Espírito), *Ação e Reação*, Cap. 15, 4ª edição, 1972, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

----- *Evolução em Dois Mundos*, Cap. 18, 4ª edição, 1977, FEB, Rio de Janeiro-RJ.

----- *Missionários da Luz*, 13ª edição, 1980, FEB, Rio de Janeiro-RJ.

----- *No Mundo Maior*, Cap. 11, 9ª edição, 1981, FEB, Rio de Janeiro-RJ.

----- *Sexo e Destino* 4ª edição, 1972, FEB, Rio de Janeiro-RJ.

AULA 20

CALLIGARIS, Rodolfo, *As Leis Morais da Vida*, 4ª edição, 1987, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

DENIS, Leon, *Depois da Morte*, Parte Quinta, 11ª edição, 1978, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

FRANCO, Divaldo P. e ANGELIS, Joanna (Espírito), *Leis Morais da Vida*, 2ª edição, 1976, LEAL, Salvador-BA;

KARDEC, Allan, *O Livro dos Espíritos*, 3ª parte, Cap. XI e XII, 53ª edição, 1981, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

----- *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, 87ª edição, 1983, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

PIRES, Herculano, *O Reino*, 4ª edição, 1967, EDICEL, São Paulo-SP;

XAVIER, Francisco C. e EMMANUEL (Espírito), *Roteiro*, 2ª edição, 1958, FEB, Rio de Janeiro-RJ.

XAVIER, Francisco C. e LUIZ, André (Espírito), *Os Mensageiros*, Cap. 39, 15ª edição, 1983, FEB, Rio de Janeiro-RJ;

Contra capa

O Espiritismo é luz na alma para o crescimento da humanidade. Representa a aquisição de um novo paradigma na evolução espiritual da Terra. Seu avanço como conhecimento possibilitará que se instale o Reino de Deus tão bem pregado e vivido pelo Cristo. Sua luz e o eco de sua mensagem consoladora reverbera nos corações humanos desde os tempos de Allan Kardec, emissário da Verdade. Começar a estudar-lhe os princípios, bem como a vivenciar sua força motivadora é dever de todos nós. Durante séculos o homem viveu no obscurantismo, carente de renovação e esperança, até que as luzes do Consolador o fizeram encontrar o verdadeiro endereço da felicidade.

Orelha esquerda

Adenáuer Novaes é Engenheiro, cursou Filosofia na Universidade Católica de Salvador e Psicologia na Universidade Federal da Bahia. É autor dos livros:

Reencarnação: processo educativo,
Amor Sempre, e
Sonhos: mensagens da alma

Orelha direita

“Um curso regular de Espiritismo seria professado com o fim de desenvolver os princípios da Ciência e de difundir o gosto pelos estudos sérios. Esse curso teria a vantagem de fundar a unidade de princípios, de fazer adeptos esclarecidos, capazes de espalhar as idéias espíritas e de desenvolver grande número de médiuns. Considero esse curso como de natureza a exercer capital influência sobre o futuro do Espiritismo e sobre suas consequências.” *Allan Kardec.*